Globethics Repository



Estudos bíblicos na idade mídia [Bible studies at the age media]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Follis Santos, Rodrigo
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-08 15:08:55
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228937

Ano 5 - Número 1 - 1º. Semestre de 2009
www.unasp.edu.br/kerygma
pp.99

Trabalho de Conclusão de Curso

ESTUDOS BÍBLICOS NA IDADE MÍDIA

Rodrigo Follis Santos
Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2008
Orientador: Vanderlei Dorneles, Ms.

Resumo: Através da análise de três estudos bíblicos em formato áudio-visual (DVD), produzidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) se discute alguns conceitos do campo comunicacional pós-moderno, tais como: Crise da verdade; Mídia como poder dominante; poder da imagem; ditadura da imagem e do entretenimento. Esta investigação objetiva entender o papel da religião dentro da Idade Mídia. Ele procura também buscar soluções para uma eficiente contextualização midiática dos princípios bíblicos tradicionais à atual geração.

Palavras-chave: Estudos Bíblicos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Pós-Modernidade, Saturação da Imagem.

Bible Studies in the Age of Media

Abstract: Through the analysis of three Bible studies in audio-visual format (DVD) produced by the Seventh-day Adventist Church, this research discusses some concepts in the field of Postmodern Communication such as: The Crisis of Truth; Media as a dominating power; power of image; dictatorship of image and entertainment. This investigation seeks to understand the role of Religion in the Age of Media. It also searches for solution towards an efficient Media contextualization of the traditional biblical principles for the present generation.

Keywords: Bible Studies; Seventh-day Adventist Church; Postmodernism; Image Saturation.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

ESTUDOS BÍBLICOS NA IDADE MÍDIA

Rodrigo Follis Santos – 4º B

Pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos da matéria de Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de Bacharel em Teologia.
Orientador: Ms. Vanderlei Dorneles.

Artur Nogueira / Engenheiro Coelho – SP

2008

Int. Dia. Cena da Dedicatória
A câmera está focada. Fecha o close em Rodrigo Follis. Ele olha para a lente e recita:

Rodrigo Follis
Mamãe. Dedico-te este trabalho.

RESUMO

Através da análise de três estudos bíblicos em formato áudio-visual (DVD), produzidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) se discute alguns conceitos do campo comunicacional pós-moderno, tais como: Crise da verdade. Mídia como poder dominante. Poder da imagem. Ditadura da imagem e do entretenimento. Objetivando entender o papel da religião dentro da Idade Mídia. Tendo em vista buscar soluções para uma eficiente contextualização midiática, dos princípios bíblicos tradicionais, a atual geração.

Palavras-chave
Estudos Bíblicos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Pós-Modernidade, Saturação da Imagem.

ABSTRACT

Through of three bible studies in audio-visual format (DVD), produced by the Seven Adventist Church (SDA), it is discussed some concepts in the postmodern communication field, as such: Truth´s crisis. Media as dominant power. Power of the image. Tyranny of image and entertainment. Trying to understand the role of the religion inside Middle Age. Having in mind the search for solutions to an efficient midiatic contextualization, of traditional bible principles, today generation.

Palavras-chave
Bible studies, Seven Day Adventist Church, Postmodern times, Tyranny of image.

ESTUDOS BÍBLICOS NA IDADE MÍDIA

Trabalho de Conclusão de Curso

Apresentado em Cumprimento Parcial

dos Requisitos para obtenção do Título de

Bacharel em Teologia

Por

Rodrigo Follis Santos

COMISSÃO DE APROVAÇÃO

_____ _____

Orientador
Vanderlei Dorneles

Avaliação

_____ _____

Leitor
Berndt Dietrich Wolter

Data da Aprovação

_____

Diretor do Curso de Teologia
Amin Américo Rodor

SUMÁRIO

Introdução 6
Adventismo e imagens midiáticas do culto 6
Definição do problema 7
Escopo e delimitação do estudo 7
Metodologia 8
Divisão do trabalho 9

1. Evangelismo Adventista: Breve Resumo Histórico/Metodológico 11
Bases bíblicas para a missão adventista 12
Estudos bíblicos: porta de entrada no adventismo 14
Evangelismo impresso e pela rádio 14
Evangelismo pela televisão 15
Conclusão parcial 16

2. Pós-Modernismo e o Cristianismo 18
Do modernismo ao pós-modernismo 18
Características pós-modernas 20
Cristianismo e a pós-modernidade 24
Conclusão parcial 26

3. Predominância Pós-Moderna da Imagem 27
Palavra vs. imagem 29
Início da religião-mídia 30
Conclusão parcial 33

4. Análise Crítica dos Estudos Bíblicos Midiáticos 34
Análise estrutural dos estudos bíblicos televisivos adventistas 34
Problemas para a contextualização pós-moderna 36
Princípios para a pregação na idade pós-moderna 39
Conclusão parcial 41

Conclusão Geral 43

Referências Bibliográficas 45

Introdução

A crescente participação dos evangélicos na mídia tem levado muitos estudiosos a se preocuparem com tais questões[1]. FONSECA (2003, p. 271) mostra que o televangelismo acaba por induzir a pregação evangélica a uma secularização. MARTÍN-BARBERO (1997, p. 112) complementa este pensamento quando diz que

> para a grande maioria das pessoas a mídia é misteriosa, mágica, excitante e encanta com as novelas, as estrelas, a habilidade de criar evento como os Jogos Olímpicos, o frenesi das disputas esportivas e o espetáculo dos reavivamentos religiosos. Além disso, a mídia eliminou a distância entre sagrado e profano. Televisão é o local para a visualização de nossos mitos comuns, ela articula e catalisa a integração dos mitos da nossa sociedade (ídolos e artistas). (...) O que estamos testemunhando, não é o conflito da religião com a modernidade, mas a transformação da modernidade em encantamento por intermédio das ligações das novas tecnologias de comunicação com a lógica da religiosidade popular.

A mídia televisiva divulga os modelos, a visão prevalecente de mundo, mitos e valores. Um dos fenômenos marcantes nesta sociedade pós-moderna é a proliferação da religiosidade na mídia eletrônica. Os meios de comunicação, além de divulgar, são as principais armas nessa batalha simbólica pelos fiéis e uma condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas (BASSO, p.1). Neil POSTMAN (1994) acaba por resumir os porquês de se estudar assuntos relacionados à mídia e a fé:

> Precisamos saber se a televisão muda nossa concepção da realidade, o relacionamento entre ricos e pobres, a idéias de felicidade em si. Um pregador que se confina para pensar como um meio de comunicação pode aumentar sua audiência, deixará de notar a questão significativa: em que sentido um novo meio de comunicação altera o significado de religião, de igreja e até mesmo de Deus? (p. 29).

Adventismo e imagens midiáticas do culto

Os adventistas[2] sempre se caracterizaram pela pregação bíblica para pessoas que ainda não são de sua fé. Tal pregação tem por base a priorização da razão, utilizando como método primário de ensino o texto escrito, através de séries de estudos bíblicos produzidos pela denominação (SILVA, 2002, p. 13).

---

[1] Uma demonstração de tal preocupação é a criação da Rede Eclesiocom, ligada a Cátedra Metodista-Unesco para o desenvolvimento da comunicação. Alguns trabalhos podem ser acessados em http://www.metodista.br/eclesiocom

[2] Optou-se pela utilização do termo "adventistas" quando se tenciona citar os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia; assim como Igreja Adventista para quando se cogita a congregação destes membros em comunidade.

É possível, em tempos recentes, notar uma preferência progressiva na substituição dos estudos impressos pelos televisivos (sendo estes em DVD, produzidos para a TV ou para a Internet). É possível atribuir tal interesse a atual fase de produção acelerada de novos títulos midiáticos, o que não retira a percepção desta possível troca do estudo textual para o visual.

Definição do problema

Paulo Cilas da Silva (2002) analisa a composição dos principais estudos bíblicos[3] adventistas ao longo dos anos, chegando até mesmo a analisar alguns estudos de caráter midiático, embora não gaste muito tempo nestes.

Entre as perguntas que surgem dentro desta temática, foram enfocadas as seguintes: A adaptação dos antigos estudos bíblicos adventistas, antes escritos agora midiáticos, tem obtido sucesso na transposição necessária ao novo meio utilizado? Como ocorre a aproximação das imagens de cultos/estudos bíblicos adventistas com as imagens midiáticas? Como reverter os efeitos negativos da era pós-moderna e usar a imagem como verdadeiro instrumento evangelístico?

Em suma, o objeto de estudo desta pesquisa é o tipo de influência e de persuasão do discurso religioso nos programas televisivos da Igreja Adventista do Sétimo Dia (a partir de agora IASD), no processo de conversão dos fiéis, na reconstrução do sagrado e de valores morais projetados através de simulacros por meio da mídia televisiva. A problemática analisada é o caminho percorrido dentro das produções da IASD no que se refere ao uso da imagem como meio evangelístico.

Escopo e delimitação do estudo

Teve-se por intenção a analise de três objetos midiáticos produzidos pela IASD em tempos recentes[4]. Tal analise indicou, por amostragem, um universo maior ao qual está diretamente relacionada (i.e. a tendência dos estudos bíblicos se convergirem para instrumentos de comunicação da cultura de massa).

---

[3] A expressão "estudos bíblicos" é uma expressão usada pelos adventistas, com a finalidade de indicar o estudo da Bíblia oferecido por um membro adventista a uma pessoa que não seja praticante desta fé, geralmente na forma de perguntas e respostas apoiadas em passagens bíblicas. Método praticado extensivamente desde 1880, principalmente através de visitação de casa em casa (SILVA, 2002, p. 5).

[4] Todos os objetos analisados têm datas de produção entre 2005 a 2008.

Como instrumentos de estudos foram selecionados: 1) O estudo bíblico, em formato DVD, intitulado *O Grande Conflito*, apresentado pelo Pr. Luiz Gonçalves;[5] o 2) estudo bíblico, em formato DVD, intitulado *Princípios – A Resposta do Fim Está no Principio*[6]; 3) O estudo bíblico, em formato DVD, intitulado *Ouvindo a Voz de Deus*, apresentado pelo Pr. Alejandro Bullón[7].

Para tais escolhas apresentamos as seguintes razões: 1) Todas as produções são consideradas semelhantes nos objetivos, e derivam de uma fonte histórica comum;[8] 2) Tais DVD's são produzidos oficialmente pela IASD; 3) As produções em análise tiveram e têm grande repercussão no meio adventista, sendo utilizadas como "presentes evangelísticos"[9] por membros da igreja adventista. 4) Embora tais produções sejam encontradas, para esta análise, no formato de DVD's todas já foram em alguma época recente divulgadas na televisão e internet.

Metodologia

Quanto a análise dos objetos pretendidos consideramos a tese de Alberto Klein[10] como ponto de partida. Tal tese nos levou a conhecer melhor, a Semiótica da Cultura[11], principalmente a partir das contribuições de Ivan Bystrina[12] e Norval Baitello Jr., adotadas neste trabalho. Quanto ao conceito de imagem foram escolhidas as abordagens

---

[5] **O Grande Conflito**. Direção de Osmar Reis. Brasília-DF: Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2005. 344 min., Cor, Dublado. (DVD/NTSC. Palestra).

[6] **Princípios**: O Dia que o Mundo Não Acabou. Direção de Wilton Costa. Jacareí-SP: Novo Tempo, 2008. 359 min., Cor, Dublado. (DVD/NTSC. Palestra).

[7] **Ouvindo a Voz de Deus**. Direção de Fernando Iglesias. Jacareí-SP: Novo Tempo, 2008. 370 min., Cor, Dublado. (INTERNET/NTSC. Palestra).

[8] Todas as palestras em DVD analisadas tiveram o mesmo objetivo ao serem produzidas, o de transpor os antigos estudos bíblicos realizados pela IASD para um formato midiático, é no que consiste a abordagem deste trabalho, analisar os efeitos de tais transposição.

[9] Tais produções não tem o seu ápice na exibição televisiva em canais aberto (por mais que também sejam exibidas em canais da TV aberta como a Bandeirantes, a CNT ou a Gazeta). A comercialização de DVD's e a distribuição massiva por parte dos membros da Igreja Adventista têm contribuído para a propagação destes materiais.

[10] Klein, 2006. A tese de FONSECA, 2003 também foi utilizada como base do presente estudo.

[11] Para um estudo introdutório sobre a Semiótica da Cultura Cf. BAITELLO, Norval. **O Animal que Parou o Relógio**. São Paulo: Anna Blume, 1998; São Paulo: Anna Blume, 1998, MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**: A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003; MACHADO, Irene (Org). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Anna Blume, 2007. Sobre as Teorias da Comunicação recomenda-se: MATTELART, Michele. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2005; e, HOHLFELDT, Antônio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação:** Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

[12] Uma introdução ao pensamento de Bystrina pode ser encontrado em: BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura.** Pré-print. Trad. Norval Baitello Jr. e Sônia Castino. São Paulo: PUC-SP, 1995.

metodológicas discutidas por Dietmar Kamper e Has Belting[13], por considerá-las mais adequadas aos objetivos pretendidos. A tese doutoral de Paulo Cilas da Silva[14] forneceu as bases iniciais para o desenvolvimento cronológico/metodológico de como os ASD se utilizaram para o ensino da Bíblia (embora tal tese se restrinja aos formatos impresso), assim como para a metodologia de análise dos conteúdos de tais estudos.

Aberto Timm e George Knight fornecem as bases bíblicas e históricas quanto à importância dos estudos bíblicos, na compreensão adventista. Quanto às conseqüências do pós-modernismo e modernismo, e como tais movimentos afetam as crenças Cristãs, deve-se a Gene Veith[15] as bases inicias do estudo. Quando necessário se realizou incursões em diversos teóricos da comunicação, sociologia e da religião os quais ajudam a expandir e esclarecer as áreas abordadas.

Divisão do trabalho

O trabalho foi divido em quatro partes: 1. Evangelismo e a IASD: Breve Resumo Histórico/Metodológico; 2. Pós-modernismo e o Cristianismo; 3. Predominância Pós-Moderna da Imagem; 4. Análise Crítica dos Estudos Bíblicos Midiáticos. Seguidos de uma conclusão parcial ao trabalho.

Tais fatos merecem algumas elucidações: Quanto ao Capítulo 1, é realizado um breve panorama histórico sobre as metodologias e suas respectivas bases bíblicas,

---

[13] Grande parte da bibliografia, em língua portuguesa, destes autores pode ser acessada livremente no site do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (www.cisc.org.br).

[14] SILVA, Paulo Cilas da. **Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**: Breve História e Análise Comparativa de seu Conteúdo (Tese de Doutorado sob Orientação de Alberto Timm). Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2002. Outro livro de grande valor para se entender a importância da palavra escrita como base de propagação dos ensinos dos adventistas do sétimo dia pode ser encontrada em: TIMM, Alberto Ronald (Ed.). **Anais do 2º Simpósio da Memória Adventista no Brasil**: A Colportagem Adventista no Brasil: Uma breve história. Engenheiro Coelho- SP: Unaspress, 2000.

[15] Da literatura cristã referente ao pós-modernismo, em língua portuguesa, pode se indicar algumas importantes obras: Para uma análise geral do pós-modernismo cf. VEITH, Gene Edward. **Tempos Pós-Modernos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999; GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo:** um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 1997. Em relação à Hermenêutica Pós-moderna Cf. VANHOOZER, Kevin. **Há Um Significado Neste Texto?** São Paulo: Editora Vida, 2005. Um estudo sobre o Cristão e a Cultura cf. HORTON, Michael S. **O Cristão e a Cultura**: Orientação Bíblica para o Crente. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. Uma resposta Cristã aos ataques pós-modernos a religião é encontrada em: D'SOUZA, Dinesh. **A Verdade Sobre o Cristianismo**: Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2008.

usadas pelos adventistas brasileiros na pregação bíblica para os que não são dessa fé[16]. Nos capítulos 2 e 3 se dispõe um panorama da sociedade atual e introduzi-se a discussão sobre a saturação da imagem e de que forma a cultura de massa afeta a percepção da mensagem Cristã. No capítulo 4, foi realizada a análise das obras em discussão, com enfoque no formato visual da produção, assim como uma análise dos conteúdos discutidos e uma breve comparação com o pensamento moderno e pós-moderno.

[16] Mostra-se no segundo capítulo que os adventistas sempre se caracterizaram pelo forte evangelismo, objetivando, principalmente, os cristãos de fora da fé adventista. Tal evangelismo se utiliza de diversos meios e métodos. Sempre se caracterizando como pioneiros no uso dos meios de comunicação em massa (Cf. FONSECA, 2003, 45-57).

1. Evangelismo Adventista: Breve Resumo Histórico/Metodológico

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem origem no movimento doutrinário de Guilherme Miller, durante a década de 1840[17]. Por meio da liderança de Thiago White[18], Ellen White[19] e José Bates[20] a IASD foi organizada oficialmente em 21 de maio de 1863[21] (KNIGHT, 2000, p. 15).

Logo após o desapontamento de 1844[22], no qual o movimento milerita se fragmenta, os fundadores do movimento sabatista, (o qual viria a se tornar, posteriormente, a IASD) tiveram que rever e expandir todo o sistema de interpretação profética. "As tentativas de compreender mais claramente a verdade bíblica levou-os a conservar alguns elementos do sistema milerita, a mudar outros, e a incorporar novas dimensões doutrinarias" (TIMM, 2000, p. 58).

Todo o contexto para entender o pensamento da IASD vem da compreensão da função profética[23] deste movimento, como entendido por eles próprios. Se por alguma razão a IASD investe tanto em métodos e técnicas de evangelismo através de estudos bíblicos pode se afirmar que tal situação se deve ao pensamento profético/escatológico.

Todo programa missionário produzido pelos adventistas, tais como as "publicações e conferências bíblicas" é visto como "formado ao redor dos estudos sobre a purificação do santuário, mencionado em Daniel 8:14, e sobre as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12". Tal sistema "foi de vital importância para a formação

---

[17] Para uma compreensão do pensamento de Guilherme Miller (em inglês William Miller) Cf. NICHOL, Francis D. **The Midnight Cry**: A defense of the character and conduct of William Miller and the millerites, who mistakenly believed that the second coming of Christ would take place in the year 1844. Hagerstown-EUA: Review and Herald, 1945.

[18] Cf. WHEELER, Gerald. **James White**: Innovator and overcomer. Hagerstown-EUA: Review and Herald, 2005.

[19] Cf. DOUGLASS, Herbert E. **Mensageira do Senhor**. Tatuí- SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

[20] Cf. KNIGHT, George. **Joseph Bates**: The real founder of Seventh-day Adventism. Hagerstown-EUA: Review and Herald, 2004.

[21] Para uma rápida introdução sobre a história da IASD Cf. KNIGHT, George R. **Uma Igreja Mundial**: Breve história dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: CPB, 2000. Também Cf. SCHWARZ, Richard Willian. **Portadores de Luz**: Historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día. Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002.

[22] Para compreender melhor o significado profético de 1844 Cf. GOLDSTEIN, Clifford. **1844**: Uma explicação simples das principais profecias de Daniel. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

[23] Sobre como o desenvolvimento doutrinário da IASD e como tais crenças modificaram sua forma de agir no mundo Cf. KNIGHT, George R. **Em Busca de Identidade**: O desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

de uma comunidade que poderia participar no processo de aperfeiçoamento e de transmissão do novo sistema doutrinário". (TIMM, 2000, p. 66). "A crença de que possuíam a verdade presente deu aos primeiros adventistas (...) uma auto-identidade marcante e um senso específico de missão no mundo" (TIMM, 2000, p. 119).

Por surgir em pleno Século XIX, o qual se vê tomado pela grande expansão da ciência e do pensamento modernista, é de fácil entendimento as razões da tradição que este movimento tem em buscar sistemas lógicos para formular crenças como também de transmissão do conhecimento acumulado.

Bases bíblicas para a missão adventista

George Knight, historiador adventista, mostra que dentre os 150 anos de existências de Adventismo, este movimento "tem resistido à tentação de formalizar um corpo de crenças que sejam inflexíveis, mesmo tendo "com o passar do tempo definido suas 'crenças fundamentais'". A IASD "teve apenas três declarações de crenças que alcançaram grau de aceitação oficial[24]" (2005, p. 22).

Ellen G. White aconselha a igreja a não pensar que toda a verdade já foi encontrada que as principais colunas da fé já foram compreendidas e que já se pode "repousar neste conhecimento. A verdade é uma verdade progressiva e devemos andar em luz crescente (...). Devemos ter viva a fé em nossos corações e alcançar maior conhecimento e luz mais avançada" (RH, 25 de março de 1890).

Depois do desapontamento de 1844, o remanescente quase é desintegrado. É então que é animado com a clara mensagem: "É necessário que profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis" (Apocalipse 10:11). Neste contexto a IASD começa a entender a função do movimento dentro do contexto bíblico/cristão. Ao entrar em contato com a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, a Igreja Adventista compreenderia o chamado do Espírito Santo, o qual iluminaria a Terra com sua glória (Apocalipse 18:1) e chamaria o povo de Deus que estava em "todas as nações" a sair de Babilônia[25] (Apocalipse 18:3-4).

---

[24] Como apresentação aos conceitos bíblicos defendidos pelos Adventistas do Sétimo Dia consultar a obra: Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. **Nisto Cremos**: 27 ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia. Tradução de Hélio L. Grellmann. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

[25] A babilônia neste contexto é entendida como todas as igrejas que não obedecem à lei de Deus. Para um estudo mais amplo sobre a visão adventista das profecias ver: BELVEDERE, Daniel. **Seminário as Revelações do Apocalipse.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006; SHEA,

> A primeira mensagem angélica (Apocalipse 14:6-7) era considerada como chamando a atenção do povo para o fim dos 2.300 anos. A segunda mensagem angélica (Apocalipse 14:8) era entendida como libertando o povo de Deus da escravidão das igrejas nominais para abraçar totalmente a mensagem relacionada com o fim dos 2300 anos (TIMM, 2000, p. 129). Os adventistas sabatistas viam a terceira mensagem angélica como uma mensagem de restauração destinada a unir o povo remanescente de Deus 'sob a grande verdade assinaladora' do sábado e preparando-os para 'o tempo de angústia'. O derramamento futuro do Espírito Santo em profusão era visto como os capacitando a saírem e proclamarem 'o sábado' mais plenamente (TIMM, 2000, p. 131).

Tais mensagens, de Apocalipse 14, foram consideradas o último e grande alerta que deveria ser dada ao mundo relativo à salvação da raça humana. Tais mensagens também trazem novas e inéditas responsabilidades ao povo de Deus. Agora eles não devem apenas pregar a conversão e a obediência, mas também a volta do Senhor e a diferença entre obedecer à lei Deus e a lei dos homens. Por esta ração a IASD vê como sua responsabilidade o ensino das sagradas escrituras[26].

A visão sobre Apocalipse 14 deu à igreja uma nova perspectiva sobre a função a qual deve exercer no ministério do ensino bíblico ao mundo. Fundamentando-se nessas interpretações, os sabatistas começaram a se ver como um povo profético detentor de uma mensagem escatológica de tremenda urgência. Eles passaram a se considerar como tendo o dever de pregar a mensagem do terceiro anjo (KNIGHT, 2005, p. 75-83).

Na percepção da missão que o movimento teria de exercer está também Mateus 24:14. Onde o Senhor indica como a igreja tem que fizer a obra: uma obra de pregação com o propósito de fazer discípulos para dar testemunho a todos os grupos humanos da Terra (RODE, 2004, p. 340). Os primeiros adventistas sabatistas falaram muitas vezes de si mesmos como cumprindo a missão do terceiro anjo (TIMM, 2000, p. 120).

A crença de ser o remanescente fiel, o qual iria restaurar a verdade para o tempo do fim oferece um sentido especial à Igreja Adventista, pois ela deixa de ser uma igreja estática e se transforma em um movimento histórico com propósito bem definido, pregar a última mensagem de advertência ao mundo (OTTO, 2004, p. 330).

William H. **Estudos Selecionados em Interpretação Profética**. Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2007.

[26] Para entender como os adventistas aceitam as escrituras e as interpretam Cf. REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras**: Uma abordagem Adventista. Engenheiro Coelho - SP: Unaspress, 2007.

Estudos bíblicos: porta de entrada no adventismo

Desde o sistema doutrinário dos primeiros adventistas, a IASD é caracterizada por uma forte preocupação missiológica. Missão definida em termos (1) da restauração da verdade bíblica no contexto escatológico do fim dos tempos e (2) na preparação de outros para a breve volta de Cristo (TIMM, 2000, p. 120). Desde os primórdios do movimento adventista o princípio de doutrinação/batismo/comunhão é mantido. É através dos chamados estudos bíblicos que tal feito é realizado. Paulo Cilas (2002, p. 11 seq.) discute a importância do preparo pré-batismal para se aceitar um membro dentro da comunidade de fé adventista.

Tendo em mente que "o perigo mais sério é a destruição da identidade cristã adventista da igreja remanescente. (...) A unidade é uma verdadeira credencial divina que identifica os cristãos adventistas como a igreja de Deus no tempo do fim" (VELOSO, 2004, p. 245). Este medo de perder a identidade profética leva a IASD a passar um sistema de crença no qual existe uma necessidade intrínseca de ser mais teórico do que emocional (VELOSO, 2004, p. 244).

Tal visão completa e codifica a forma como a IASD verá a utilização dos meios de comunicação para a pregação do evangelho, muito além de ser um canal de pregação é considerado como forma de chegar até onde não se poderia ir de outra forma, ou seja, para se cumprir a promessa da volta de Cristo (o evangelho será pregado a todo reino[27]) é preciso mais do que um meio.

Evangelismo impresso e pela rádio

A primeira publicação adventista[28] foi o periódico *Presenth Truth* editado e publicado em Connecticut, EUA, em 1849. Posteriormente passa a ser o *The Advent Review na Sabbath Herald*, atualmente se constitui periódico oficial da IASD nos EUA. O início do Adventismo no Brasil não foi diferente.

---

[27] Em Mateus 24:6 o sinal máximo para a volta de Cristo parece se restringir a pregação do povo de Deus aqueles que não são da fé, daí se incorre uma das razões para a pregação evangelística.

[28] As duas próximas seções são baseadas em informações muitas vezes não muito confiáveis, devido a pouca produção acadêmica sobre tais assuntos abordados aqui. A tese de FONSECA (2002) tem diversas incoerências e datas equivocadas. Das outras citações, mesmo sendo mais confiáveis erram pela pouca citação primária existente. A dissertação de COSTA (2003) foi de grande contribuição, onde se encontrou boas referências, mas incorrendo também na falta de citação primária. Em detrimento a tais causas nestas seções, as estruturas estão muito semelhantes à matérias já existentes. A lacuna de um trabalho bem feito que venha suprir a carência de catalogação da história do uso das mídias pela IASD ainda existirá.

A revista *Stimme der Waheit* (A Voz da Profecia) foi entregue pelo correio a um vilarejo de Santa Catarina (COSTA, 2003, p. 48). Não muito tempo após inicia-se no Brasil a *Casa Publicadora Brasileira* (CPB), tendo como primeira produção a revista *O Arauto da Verdade*, datado de 1900 e editada, pelo primeiro adventista batizado no Brasil, Guilherme Stein Jr. (LESSA, 2000, p. 34).

Posteriormente, *O Arauto da Verdade* seria substituído pela *Sinais dos Tempos*, e depois *O Atalaia* e depois novamente *Sinais dos Tempos* (BORGES, 2001, p. 183). O rádio começou a ser utilizado pela IASD na década de 1920. Em 1926, H. M. S. Richards colocou no ar um programa em Fresno, Bakersfield, Califórnia. Somente em 1937 é que surgiu o programa *The Voice of Profecy*, sob a coordenação de H. M. S. Richards. No Brasil, *A Voz da Profecia* começa a ser transmitida em 26 de setembro de 1943, sob a coordenação e locução do pastor Roberto Rabello (AZEVEDO, 1977, p. 70). Este viria a ser o primeiro programa radiofônico religioso de alcance nacional (BORGES, 2001, p. 136; Cf. COSTA, 2003, p. 49).

Evangelismo pela televisão

Em 25 de novembro de 1962, foi ao ar o primeiro programa evangélico da televisão brasileira, o programa *Fé Para Hoje*, na extinta TV Tupi. Ficou no ar, em cadeia nacional por 17 anos, sendo transmitido pela TV Bandeirantes, TV Record e também na TV Morada do Sol em Araraquara-SP (FONSECA, 2003, p. 57). Durante 20 anos tem sido transmitido, pelas TV's Gazeta, de São Paulo, e Novo Tempo.[29]

O programa *It´s Writing* surgiu em 1956, nos EUA e chegou ao Brasil com o nome de *Está Escrito* em 03 de novembro 1991 (FONSECA, 2003, p. 56). O primeiro programa veiculado no Brasil foi a palestra "Onde estavas tú?", dirigida pelo pastor George Vandeman. A transmissão do programa no Brasil só foi possível graças ao apoio de um grupo de empresários adventistas que ficaram impressionados com os resultados alcançados em outros países (AZEVEDO, 1977, p. 83).

Com um ano de exibição no Brasil, foi mudado o orador mundial do programa. Buscava-se dar maior ênfase no evangelismo público, o que não era exatamente o foco de Vandeman. Neste momento o pastor evangelista Mark Finley é convidado para ser o orador mundial do *Está Escrito* a partir de 1992.

[29]Informações históricas gerais obtidas no site oficial do programa "www.feparahoje.com.br".

O primeiro programa com o Pr. Mark Finley no Brasil data-se de 9 de julho de 1995 com o programa intitulado "Facada Covarde". Nesta época já se pensava em colocar um orador local na apresentação do programa Está Escrito.

O primeiro programa com o pastor peruano Alejandro Bullón foi ao ar em 22 de maio de 1994, recebendo críticas positivas. Alguns meses depois eram contabilizadas 65 emissoras transmitindo o *Está Escrito* em todo o Brasil. Calculando isso em porcentagem, pode se considerar uma abrangência com cerca de 70% do território nacional.

Em 19 de maio de 2006, a programação do Sistema Adventista de Comunicação (TV Novo Tempo) passa a ser transmitida. Com sede em Jacareí-SP e chamada de TV Setorial ela atinge as cidades de Pindamonhangaba, Taubaté, São José dos Campos, Guaratinguetá, Aparecida, Lorena e a própria Jacareí-SP. A partir de Maio de 2008 entrou na grade de canais básicos da Sky TV por assinatura.[30]

Com a inauguração da TV Novo Tempo em canal aberto é realizado um forte investimento em novas produções, as quais muitas são transformadas para DVD e vendidas aos membros da igreja. Com esta nova onda de novas produções, outras entidades ligadas à IASD começam também a produzir materiais em DVD[31].

Conclusão parcial

"No programa divino de restauração, a função designada à IASD continua sendo reparar a brecha na Lei de Deus e em sua Palavra. É finalizar a obra da reforma da salvação por meio de Deus e por sua Palavra somente" (CAESAR, 2007, p 282).

O conhecimento do próprio papel no Grande Conflito fornece ao Adventista do Sétimo Dia, unidade espiritual, doutrinária, estrutural e principalmente missiológica. "Um estrutura que materializada em uma organização com objetivo, que serve à missão e nela se confirma, até o momento da parousia [volta de Cristo]" (VELOSO, 2004, p. 250). Tal função requer todo o uso possível de meios e formas de comunicação, a

[30] Dados históricos obtidos no site oficial da fundação Novo Tempo (www.novotempo.org.br).

[31] Entre os mais importantes pode se destacar os seguintes:.***Estudos Bíblicos com Luiz Gonçalves:*** Apocalipse a Resposta / O Grande Conflito; ***Está Escrito com Fernando Iglesias:*** Criacionismo / Sábado 24h de Descanso; Princípios / O Caminho ***Pr. Roberto Rabello (Voz):*** Deus Revela o Seu Amor; ***Pr. Alejandro Bullón:*** Paixão de Cristo / Série Profecias do Apocalipse / Paz para Viver / Ouvindo a Voz de Deus; ***Internacionais Traduzidos:*** The Final Events of Bible Prophecy - Doug Batchelor; ***Mark Finley:*** Além do Ano 2000 / Cartas de uma Ilha Solitária / Descobertas nas Profecias.

missão é grande e urgente, por isso a utilização dos principais meios da indústria cultural, como o Rádio, a Internet e a TV são apoiadas pela IASD.

A utilização da forma televisiva trouxe uma grande influência, tanto interna como externa, para a Igreja Adventista como um todo. Pode se afirmar que ocorreram sensíveis mudanças em sua forma de pregação. Aqui inicia uma maior preocupação com a plástica, com os efeitos e com tudo o mais que caracteriza a mensagem televisiva e a sociedade pós-moderna, a qual tem uma queda para tudo o que é visual.

> A religião que gera uma mudança ética, uma conversão, exige reflexão e dedicação ao estudo sistemático da doutrina. Isso requer tempo e esforço, duas variáveis que as pessoas parecem pouco dispostas a aplicar na sua espiritualidade. Seja por estarem tomadas pela lógica do entretenimento ou mesmo pela dificuldade de encarar a complexidade do contemporâneo. Por outro lado a expulsão da manifestação sobrenatural realizada pelas organizações religiosas centradas no clericalismo e seus intelectuais já deu mostra de falência. A exemplo de alguns países europeus, onde as igrejas se tornaram apenas pontos de atração turísticas. Encontrar o meio termo entre a necessidade de adorar novas linguagens que expressem uma espiritualidade relevante na era pós-moderna e a transformação do culto em mero entretenimento é o grande desafio. (SATHLER, 2007, p. 85)

Isso não é necessariamente ruim para a televisão, que é um veículo mais superficial e impróprio para mensagens mais profundas. Sem falar que o espetáculo é próprio desse meio. Mas quando isso começa a afetar o tipo de apresentação no púlpito e nos estudos bíblicos uma reflexão mais profunda se faz necessária.

Embora tal missão abra o caminho para a utilização dos meios de comunicação, seu formato será de maneira distinta, como demonstrado no Capítulo 4. Mas antes será preciso, de maneira mais detalhada, analisar: A forma dos seres humanos pensar, dentro da era pós-moderno (Segundo Capítulo); E realizar uma análise detida da influência da imagem nesta atual sociedade (Terceiro Capítulo).

2. Pós-Modernismo e o Cristianismo

A partir do decreto da "Morte de Deus"[32] como ponto de transição da modernidade para a pós-modernidade, é possível perceber um esfriamento do poder conferido ao texto escrito como também o aumento dos questionamentos sobre as utilidades deste como canal comunicativo.

Em certo sentido o pensamento pós-moderno tem razão em duvidar do "instrumento" de interpretação. É difícil saber quanto da interpretação do texto[33] é na verdade a mensagem pretendida pelo autor, um significado objetivo, ou apenas nossos próprios reflexos e pensamentos (VANHOOZER, 2005, p. 106).

Parece que as antigas bases estruturais do modernismo ruíram. Com isso a revolução industrial está dando lugar à chamada Era da Informação. A sociedade, a tecnologia, os valores e as categorias básicas do pensamento estão mudando. Um novo modo de ver o mundo está emergindo. [34]

Do modernismo ao pós-modernismo

No modernismo tentou-se implantar uma era da Razão, em que todas as coisas fossem provadas e todo o caos cientificamente explicado. Neste contexto a Ciência obteve grande destaque e acabou por se colocar como a forma mais precisa de se obter respostas. Tal fato acabou por concedê-la o poder de lastrear e condenar quaisquer outras pretensas formas de se encontrar o conhecimento. DOLL Jr. afirma: que a ciência cumpriu tão bem a tarefa de controle, que durante este século ela "se expandiu, de uma disciplina ou procedimento, para um dogma, (...) criando [assim] o cientismo [ou o cientificismo]." (1997, p.18).

---

[32] Filósofos como Friedrich Nietzsche (1844-1900) propõem a morte de Deus. Tal decreto é na verdade o anúncio que os homens não mais serem capazes de crer numa ordenação cósmica transcendente, o que os levaria a uma rejeição dos valores absolutos e, por fim, à descrença em quaisquer valores. Nietzsche não se coloca como o assassino de Deus, como o tom provocador pode dar a entender: o filósofo enfatiza um acontecimento cultural, e diz: "fomos nós que o matamos". A frase não é nem uma exaltação nem uma lamentação, mas uma constatação sociológica (Cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Petrópolis: Vozes, 2005)

[33] Por texto entendemos a compreensão da Semiótica da Cultura, que não o "restringe ao âmbito do verbal: uma determinada vestimenta, um sinal de trânsito, uma música, um layout ou um quadro são considerados textos" (GUIMARÃES, 2000, p. 3).

[34] Para uma discussão sobre a relação existente entre modernidade, pós-modernidade e a mídia Cf. THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade:** Uma teoria social da mídia**.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

A ciência moderna delimita a atitude científica à busca de conhecimentos de leis e princípios que regem a realidade. Sendo que por realidade se entende apenas algo estático, determinado, mecânico e regulado por leis fixas. Um conhecimento baseado na formulação de leis, tem como pressuposto a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, as idéias de que o passado se repete no futuro (SANTOS, 1999, p. 17).

"Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles" (MORIN, 2000, p. 25). E é tal pensamento uma das vertentes que possibilita o surgimento do pós-modernismo, pois a desilusão humana com as promessas da era da razão e da ciência foi enorme. Em exemplos temos a "urbanização extremamente desumanizante, a monstruosa desigualdade social, a indústria de morte de armas e das drogas, a construção de campos de concentração, a confecção e explosão das bombas atômicas sobre o Japão" (LIBÂNIO, 1998, p. 62).

A sucessão das lutas e acumulação das frustrações vai aprofundando a crise da ciência moderna. "Convertida no fato sócio-cultural total, a ciência tornou-se o lugar de nossas esperanças e de nossas angústias." (JAPIASSU, 1985, p. 93). Com a atual crise do modelo científico[35], tais angústias e esperanças voltam a estar sem um porto seguro. O ser humano precisa pôr sua crença em algum local.

> Afinal, a ciência não fornece as respostas que a maioria de nós exige. Sua história a respeito de nossas origens e nosso fim é, no mínimo, insatisfatória. Para a pergunta: "Como tudo começou?", a ciência responde: "Talvez por acidente". Para a pergunta: "Como tudo terminará?", a ciência responde: "Talvez por acidente". E para muitas pessoas, a vida acidental não vale a pena ser vivida (POSTMAN, 1994, p. 168).

Dado que todos os locais existentes foram testados e encontrados em falta, onde se encontrará alento? Pontos de vista que respondem ao fracasso do Iluminismo e do cientificismo, relacionados com o enfraquecimento completo da verdade, estão surgindo[36]; O intelecto é substituído pela vontade; A Razão é substituída pela sensação;

---

[35] Para uma discussão maior sobre a crise da ciência moderna ver: EPSTEIN, Isaac. **Ciência e Anti-ciência.** Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, n. 29, p. 13-33, 1998; JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1985; NOVAES. Allan. "A Crise da Ciência: Pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante" <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.

[36] A mentalidade pós-moderna tem e aprimorado na busca por uma nova forma de religiosidade, onde o sentido de vida possa ser unido à crença cientificista, resultando em uma nova busca pela realidade última da criação. Claro que se distanciando dos ensinos Cristãos tradicionais. Cf. BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e Criação**: A importância espiritual da cosmologia contemporânea. São Paulo-SP: Loyola, 1999.

A moralidade fica substituída pelo relativismo. Essa visão de mundo emergente desafia o cristianismo de formas diferentes daquelas do velho modernismo.

> A era pós-moderna promete para os cristãos bíblicos. Mas contém também perigos novos e diferentes. As heresias modernistas caíram, mas agora heresias pós-modernistas as substituem. O racionalismo, tendo fracassado, cede lugar ao irracionalismo – e ambos são hostis à revelação de Deus, ainda que de maneiras diferentes. Os modernistas não criam que a Bíblia fosse verdadeira. Os pós-modernistas lançaram fora completamente a categoria da verdade (VEITH, p. 187).

Características pós-modernas

A sociedade pós-moderna dilui-se em massas que procuram experiências fragmentadas e seguem um fluxo de euforia. O que mais preocupa é que junto a tais modificações sociais, também obtemos uma substituição mais acentuada do racional pelo emocional, onde se abre mão do significado em favor do entretenimento imediato (cf. SARTORI, 2001).

A midiatização da sociedade traz uma nova forma de pensar o mundo, a forma da tecno-interação, pode ser também denominada de Tecnopólio (cf. Postman, 1994), "As tecnologias das informações [TV, internet, etc.] construíram um novo regime espaço-temporal: da coexistência e da coabitação, onde a imposição da imediatez e a aceleração do saber se transformam em uma categoria valorativa" (BERGER, 2007, 26). Tais tecnologias da informação acabam por mapear "uma geografia de cognição" a qual "surge em territórios cujo domínio sobre a matéria é efêmero, cuja posição no espaço é tênue, cuja temporalidade é medida antes em atos de participação que em coincidência de local" (DRUCKREY, 2003, p. 392).

Walter Benjamin (2000, p. 221-256) indica que está cada dia mais forte o impulso de tentar se "capturar um objeto a uma distância bem curta por meio de sua semelhança, de sua reprodução". Tal fato pode ser inferido em grande parte a predominância da atual cultura em privilegiar a percepção visual como fonte principal do conhecimento. Onde cada vez há mais informações e menos interpretações, criando assim um comodismo social.

Tal estrutura funcional foi denominada de "tecnopólia", por Neil Postman (1994), de "sociedade do espetáculo" por Guy Debord (1997) ou de "modernidade líquida" por Zygmunt Bauman (2004). No final o que parece de semelhante em cada uma destas teorias é o fato do escapismo, através do entretenimento, tornar mais fácil as

decisões, que vão sendo adiadas ou simplesmente ignoradas. ADORNO (1971) nos lembra que tal "conformismo substitui a consciência" (p. 293).

O critério de medição da experiência é sua capacidade de produzir entusiasmo, e não sua profundidade ou utilidade. A experiência gera o maior impacto possível e se torna obsoleta rapidamente, abrindo assim o caminho para novas experiências e consumos. A rotatividade das informações é imensa, e algo só permanece como espetáculo até que deixa de preencher a demanda das massas, ou seja, até que pare de ser consumida pelos espectadores. Nas palavras de Debord:

> O que o espetáculo oferece como perpétuo é fundado na mudança, e deve mudar com sua base. O espetáculo é absolutamente dogmático e, ao mesmo tempo, não pode chegar a nenhum dogma sólido. Para ele, nada pára; este é seu estado natural e, no entanto, o mais contrário à sua propensão (DEBORD, 1997, p. 47).

Na democracia clássica, a decisão final tem lugar após todos do grupo terem oportunidade de participar, de maneira igual, do debate, da discussão e da crítica pública. "A maior parte da comunicação flui de maneira circular pelos cidadãos e entre eles" (FAGEN, 1971, p. 39). Pode se argumentar que tal democracia não mais existe[37]. Quanto a tal fato Sartori afirma:

> A televisão privilegia (...) a emotivização da política, isto é, uma política relacionada ou reduzida a pencas de emoções. (...) Ela faz isso narrando avalanches de histórias lacrimosas e peripécias tocantes. Ou, de modo inverso, faz isso decapitando ou marginalizando cada vez mais as 'cabeças que falam', (...) Em geral, a questão é que a cultura da imagem gerada em primazia do visual é portadora de mensagens 'quentes' que, justamente, esquentam as nossas emoções, acendem os nossos sentimentos, excitam os nossos sentidos e, em suma, apaixonam. (...) E por mais que a palavra possa inflar (por exemplo, no rádio) a palavra é de fato menos aquecedora do que a imagem. Portanto, a cultura da imagem quebra o equilíbrio delicado entre paixões e racionalidade. A racionalidade do homo sapiens está retrocedendo. E a política emotiva, emotivizada e aquecida pelo vídeo, levanta e atiça problemas sem fornecer qualquer idéia de como resolvê-los. E desse modo os agrava ainda mais (Sartori, 2001, 102).

Vive-se em favor de um "realismo mágico", ou seja, o real se mistura ao ficcional, criando uma nova categoria midiatizada de fatos. O critério da notícia é nada mais do que o interesse do espectador, assim sendo, temos a vida transformada em entretenimento, e como essa às vezes pode ser pouco atrativa, explora-se a criatividade do fictício. José Arbex trabalha tais conceitos da seguinte maneira:

---

[37] Para uma discussão introdutória sobre como o consumo tende a modificar as estruturas democráticas Cf. CANCLINI, Nestor**. Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

> Um dos desafios enfrentados diariamente pelos estrategistas da mídia consiste, precisamente, na elaboração de estratégias de dedução do telespectador/leitor, operando um inevitável espaço de ambigüidade do fato comunicativo. Trata-se de transformar a ambigüidade em seu oposto – o consenso aparente, imposto, fabricado por técnicas de propagandas, principalmente quando o assunto remete à esfera da política e da economia. Como fazê-lo? Resposta: restringindo ao máximo o espaço de interlocução, por meio do uso de esquemas e slogans que traduzam a 'verdade' em fórmulas simples e tranqüilizantes. Criando, enfim, metáforas que 'explicam' segundo receitas maniqueístas e de fácil compreensão: determinada opção econômica (por exemplo, a moratória da divida externa) é 'boa' ou 'má' porque se situa no campo 'bom' ou mau' das coisas da política e do mundo. (2003, p. 115).

"Algo não é real a menos que seja visto na TV" (VEITH, p. 58). Essa atitude revela o tipo de comportamento das empresas de comunicação, que usam suas mensagens persuasivas para tentar mudar a direção do comportamento social, suas expectativas e exigências culturais (cf. MORAES, 2006).

A indústria cultural dita as regras que estão inclusas no modismo através de discursos mascarados pelo colorido das mensagens publicitárias. Isso acaba por contribuir para uma ordem social com dificuldades de percepção crítica embalada pelo consumismo. "A mídia cria a necessidades de personalidades fortes com linguagens ambíguas (...) permitindo assim a cada grupo descobrir naquelas mensagens (...) o que quer achar (FABRINI, 1990, p. 177 apud SARTORI, 93).

Ela não conduz apenas as regras sociais, mas também a forma de se analisar o mundo: "ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente" (ADORNO, 1971, 295). Todo pensamento imaginativo, o qual foge do que hoje é considerado fato comprovado, não pode ser tolerado. Tudo que tem para ser pensado já o foi.

> Esse mecanismo de 'fabricação da opinião' simula a democracia: aparentemente, a 'opinião' divulgada pela mídia interfere no curso dos acontecimentos, dando a ilusão de que o público foi levado em consideração. Na realidade, os indivíduos permanecem isolados, espalhados pelas diversas cidades, regiões, estados e países, sendo virtualmente 'unificados' pela mídia, mas sem terem qualquer interlocução. É a 'ágora eletrônica' que simula a antiga *polis,* onde tudo se debatia. (ARBEX, 2003, p. 56).

É assim que a construção das muitas visualidades, da produção, dos objetos que cercam o homem pós-moderno, muitas vezes são efêmeras. Grupos musicais são mitificados momentaneamente, desaparecendo da mídia em pouco tempo, assim como do imaginário coletivo; novelas de televisão permanecem no ar ditando modelos aparentemente imutáveis, mas estas imagens se fragmentam, quando novas imagens de

novas novelas entram em cartaz, invadindo o imaginário dos grupos, e os seres mitificados anteriormente cedem lugar a novas mitificações e assim sucessivamente.

FAGEN afirma que independente de qual "for a realidade e coerência que os acontecimentos têm para nós, originam-se da maneira como eles foram comunicados" (1971, pág. 20). A escolha da massa tem mais a ver com a forma de se dizer algo, e não tanto pelo que é dito.

Desapareceu a legitimação das grandes narrativas neste contemporâneo de narrativas transitórias, constituídas de pequenas histórias sem a visão de um princípio, meio e fim. A questão a ser tratada não é a se o povo escolherá errado, mas sim a impossibilidade deste mesmo povo de se aprofundar nas questões importantes, devido à saturação de informação na qual estão inseridos. ARBEX declara:

> Bombardeado pela crescente velocidade das inovações técnicas, científicas e culturais, o homem sente o tempo presente como algo cada vez mais fugido, criando uma contradição: ao mesmo tempo em que o capitalismo contemporâneo concentra ao máximo as demandas de consumo no momento presente, ele o torna cada vez mais instável, inseguro de si, enfraquecendo a estabilidade do sujeito contemporâneo. O enfraquecimento do tempo presente é exacerbado pela perda da capacidade de interlocução de que fala Habermas. (2003, p. 91).

Debord (1997, p. 44) o espetáculo parece se resumir a "um instrumento para a pacificação e despolitização" onde os sentidos são chocados e "os sujeitos sociais" são distraídos "da tarefa mais urgente da vida real" (KELLNER, 2004, 123).

Neste sentido, a crítica dos conteúdos veiculados pela mídia sempre dependerá, evidentemente, dos recursos interpretativos que o espectador dispõe. Mas como o leitor poderá mobilizar tais informações dentro de uma sociedade da informação, onde se produz toneladas de informações referentes a todo tipo e assuntos?

O regime nazista teve que se utilizar de preconceitos já existentes na sociedade germânica para poder caracterizar os judeus como fonte do mal. E, mesmo no auge do poder, Hitler teve dificuldades para impor o seu programa de 'eugenia' (eliminação dos germânicos portadores de deficiência física e/ou mental): "a fase inicial do programa (1937-1942) permaneceu secreta, tornando-se pública apenas quando já não adiantava mais negar" (ARBEX, 2003, p. 137).

Tal fato pode indicar que ainda existir alguma solução para a atual crise da superfície. A mídia influencia a sociedade, mas ela não impõe a versão dos fatos que quer como verdade. Isso ocorre "exatamente" porque a comunicação depende do "contexto extralingüístico".

Sempre há um conjunto de dados extralingüísticos que condicionam o uso das metáforas, expressões, jargões e clichês empregados na estruturação da narrativa. ARBEX (2003, p. 136) indica que "a confrontação da versão construída por determinado veículo, com a versão apresentada por outros veículos de comunicação" pode ser uma saída eficaz para tal crise.

Cristianismo e a pós-modernidade

Analisando as civilizações que estavam próximas de ruírem, Toynbee mostra que as "sociedades que estão se desintegrando" caem numa sensação de abandono, "um estado mental que aceita o antinomianismo[38] como substituto da criatividade" (1948, p 399). A ética se torna relativa, abrindo espaço para a fuga do que é correto em benefício da resolução dos problemas do grupo.

> as pessoas param de crer na moralidade e cedem a seus impulsos à custa de sua criatividade (...) cedem ao escapismo, buscando evitar seus problemas ao fugir para seus próprios mundos de distrações e entretenimento. (TOYNBEE, 1948, p. 404).

A sociedade pós-moderna acaba sendo regida pela cultura pessoal, e como tal cultura provém principalmente daquilo que se recebe dos meios de comunicação. A massa passa a consumir cultura como um produto, e enquanto houver demanda, a indústria cultural estará lá para fornecer aquilo que a sociedade julga estar escolhendo, o que na verdade já foi programado.

A mídia então passa a controlar o que é verdade e o que não é, já que sua credibilidade é totalitária na mente do espectador. Parece ser um fato que quando não existem verdades absolutas, a vontade pessoal tomará o local do intelecto. Em muitos momentos, critérios estéticos serão os que ditaram a razão a se utilizar. Verdades antes consideradas absolutas caem não por ser uma inverdade, mas independente disso. Porque acreditar no inferno, se tal verdade nada traz de útil para a vida prática?

VEITH (1999) lembra que a aversão do ser humano para com a doutrina cristã, tal como o inferno, parece ser natural. Embora deve ser entendido que a principal questão não é se existe o inferno ou não, pois "a realidade poucas vezes levada em conta nossa preferência pessoal, mesmo ao se tratar das facetas mais triviais da vida cotidiana. Gostar de algo e querer que sejam verdadeiras é o único critério das suas crenças" (p. 188). Segundo o historiador Stephen Benko (1984, p. 56-8), em seu estudo da

[38] Os antinomistas são aqueles que cultivam qualquer aversão pela lei.

propaganda anticristã na Roma Imperial, segundo ele uma das principais razões para os primeiros cristãos terem sidos perseguidos foi a declaração de posse na única verdade. "Em sua decadência, a cultura romana se havia tornado de certa forma parecida com a cultura pós-moderna, defendendo o relativismo cultural (sob o controle romano, naturalmente) e a validade de todas as religiões (contanto que todos queimassem incenso a César)."

Qualquer cristão da época, o qual se recusasse reconhecer a deidade do Imperador "enervava os antigos romanos", mas nada os deixavam com tanta raiva, como mostra Benko, do que "esses escravos presunçosos" reivindicarem "possuir a única verdade" (VEITH, p. 220-1).

> As implicações da hermenêutica da pós-modernidade acabam por tornar a mensagem das Escrituras inacessível a Igreja. Se levarmos até o fim o seu subjetivismo e relativismo inerentes, acabamos sem Escrituras, sem revelação, se verdade e sem pregação. O pregador pode, no máximo, pregar apenas uma interpretação sua do texto mais jamais a verdade divina. As conseqüências lógicas são graves e devemos encará-las: se não podemos alcançar o sentido das Escrituras não restará base objetiva para a doutrina e a prática da igreja, para decisões teológicas, para o ensino doutrinário, para a ordem eclesiástica. Instala-se o caos hermenêutico, onde cada um pode interpretar como queira as Escrituras. (LOPES, 2004, p. 203).

Os cristãos compreendem, através da doutrina do pecado original, o que acontece com os seres humanos quando estes reivindicam autoridade máxima para si. Como seres caídos, a capacidade intelectual humana não só é limitada como enganosa (Rom 1:21-28). Por causa da natureza humana pecaminosa, existe uma tendência nata deste se rebelar contra a fonte de toda a verdade.

Seres humanos deixados por si mesmos podem professar idéias que soam nobres, mas na prática acarretam males terríveis. Questiona-se Deus e no local dEle é colocado o "eu" como autoridade máxima. A razão é usada, desajeitada como é, para racionalizar os pecados e construir sistemas que permitam ao homem passar sem Deus. No final parece que toda a discussão sobre moralidade e verdade vem apenas para servir como disfarce do desejo de poder (nem que seja poder de mandar em si mesmo).

> Brados por justiça, pela libertação e pelo fim da opressão só podem ser mecanismos retóricos. (...) O exercício nu do poder, sem as amarras de limitações morais, é uma fórmula que leva primeiramente ao terrorismo e depois ao totalitarismo. (...) Politicamente, a ética do desejo significa lutas cruéis por entre grupos competidores. (...). Para os indivíduos isolados, a ética do desejo significa egoísmo, promiscuidade e descontrole moral. (...) Sem uma estrutura moral, a sociedade se desintegra em facções que irão guerrear entre si e contra indivíduos isolados e depravados. Resultará num retorno à violência, perversão e anarquia (VEITH, p. 192).

Aqueles que acreditam não existirem absolutos repudiam os que rejeitam o relativismo chamando-os de intolerantes, por tentarem forçar suas crenças em outras pessoas. Com a relativização da vida cotidiana, o pecado de antes passa a ser algo relativo agora. C.S. Lewis (2006, p. 109) recorda que nenhuma pessoa, que diz "não acreditar no Certo ou Errado universais" deixará de voltar atrás em seu pensamento, quando algo lhe ocorrer de prejudicial.

Será que os pós-modernistas, estão agindo com coerência, ou mesmo agindo de acordo com o que afirmam, mantendo honestamente as implicações de sua própria teoria? É mesmo possível viver sem buscar os fundamentos universais de uma crença?

Conclusão parcial

A Bíblia esclarece que o entender a palavra de Deus através da iluminação do Espírito Santo, o qual opera por meio da Palavra e habita os membros da igreja (I Coríntios 2:9-16). Isso não abre a porta ao subjetivismo nem a interpretação particular (II Pedro 1:20). O Espírito Santo se utiliza das palavras da Bíblia que são inspiradas pelo Espírito, para convencer os leitores do pecado e testemunhar da obra de Jesus Cristo (João 16:8-15). A igreja torna-se uma espécie de comunidade interpretativa[39].

Existe uma verdade universal, embora não se deva cair no erro de acreditar que existirá um método universal que levará não-crentes a Cristo. Pode se afirmar que uma das maiores contradições do pós-modernismo é que ao este exacerbar o individualismo acaba por criar uma massa homogênea ligada pelo entretenimento. Tal massa será conduzida a Cristo apenas quando tratada dentro desta individualidade-massiva.

"A igreja tem razão em buscar meios de se comunicar com a sociedade contemporânea e apelar para ela" Ao se buscar ser relevante a atual cultura a igreja "não deve ousar deixá-los onde os encontrou" (VEITH, 1999, p. 219). Com ênfase particular, a igreja deve se firmar na moralidade e na verdade. Provavelmente ter-se-á de apelar às emoções das pessoas, mas logo precisará ensiná-las a pensar biblicamente.

[39] Pode se perceber na atual literatura destinada a crescimento da igreja (seja adventista ou não) uma maior ênfase na importância do relacionamento dos irmãos como forma de adoração. Em outras palavras, a maior busca por Pequenos Grupos, Igrejas no Lar, Células (ou outro nome que indique a mesma ideologia) é na verdade uma tentativa da igreja de ser relevante na cultura pós-moderna.

3. Predominância Pós-Moderna da Imagem

Após a invenção da fotografia, cinema, televisão e internet, é sábio esperar uma maior "importância da percepção visual". Tais invenções possibilitaram com que a cultura contemporânea começasse a privilegiar a percepção visual como fonte principal do conhecimento em detrimento as antigas formas orais e escritas.

Muitos acreditam não ser possível qualquer manipulação da mensagem que a imagem passa. É verdadeiro lembrar que a fotografia/imagem tem valor incontestável por proporcionar em todo o mundo fragmentos visuais que "informam as múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza". Embora não se deva esquecer que a mesma fotografia/imagem "se prestou e sempre se prestará aos meios diferentes e interesseiros usos dirigidos. As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública" (KOSSOY, 2002, p. 20).

Cada vez mais se confunde "o 'ver' com 'o saber'" (ARBEX, 2003, p. 35). Trata-se de uma tradição solidamente ancorada nas raízes da nossa cultura. "Quando testemunhamos diretamente um evento (...) acreditamos realmente que o que estamos vendo "é 'a' verdade do fato" (ARBEX, 2003, p. 34). "E tal manipulação tem sido possível justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens tem junto à massa, para quem, seus conteúdos são aceitos e assimilados como a expressão da verdade" (KOSSOY, 2002, p. 20).

A crença do 'observador neutro' se não é um erro, ao menos, é uma visão incompleta do sistema midiático. Quando um observador testemunhar um evento este também o constrói. Seria equivocado opor "de forma maniqueísta, uma suposta 'neutralidade objetiva' daquele que presencia diretamente um acontecimento à 'intencionalidade manipuladora' da câmera de televisão", sendo que o olhar daquele que vê é social e culturalmente moldado" assim como o é a memória individual que faz reviver o evento presenciado." (ARBEX, 2003, p. 35).

> por definição, as imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para os diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam enquanto objetos de estudo. Por tal razão elas se prestam a adaptações e interpretações 'convenientes' por parte desses mesmos receptores, sejam os que desconhecem o momento histórico retratado na imagem, sejam aqueles engajados a determinados modelos ideológicos, que buscam desvendar significados e 'adequá-los' conforme seus valores individuais, seus

> comprometimentos, suas posturas aprioristicamente estabelecidas em relação a certos temas ou realidades, em função de suas imagens mentais. A imagem fotográfica, como toda a sua carga de 'realismo', não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência... fonte, pois, de ambigüidades". (2002, p. 44-45)

Tais fatores acabam por ajudar na criação de um novo parâmetro de vida mental, cujo modelo de realização intelectual parece não conseguir ultrapassar a superfície das imagens[40]. Durante o modernismo, tentava-se negar o envolvimento dos fotógrafos com o objeto/sujeito fotografado. Sendo estes nada mais do que meros observadores "imparciais gravando o que estava ao redor com olhos passivos e a fotografia era o melhor árbitro entre a nossa percepção visual e a memória do que foi visto" (KOZLOF, 1979, pg. 101).

A objetividade modernista verificava ritualmente o que estava em volta e denominava de realidade. A fotografia era uma prova concreta de que ninguém havia alucinado durante o processo. Já no pós-modernismo tal discussão é modificada, se acusa, como uma das principais características da contemporaneidade, a predominância da imagem manipulada. Fredric JAMESON **(**1997) insiste na "existência de alguma coisa especial sobre a midiatização da nossa cultura atual: a mídia visual está desafiando a hegemonia de antigas formas da mídia lingüística".

O trabalho e o lazer estão cada vez mais centrados na mídia visual, proporcionando ao ser humano uma experiência de visualização muito mais ampla do que em qualquer outra época.

Todas estas coisas, mostram que a hipótese "de que a sociedade contemporânea rege-se pela midiatização" com tendência para a virtualização nas relações humanas" (Muniz Sodré, 2006, p. 20), se encontra "tão esvaziada de verdades transcendentes" que acaba por se alimentar "de imagens com inacreditável potência persuasiva." (MORAES,

---

[40] Faz-se necessário abarcarmos considerações acerca do conceito de imagem. Tal termo acaba por ser muito utilizado, o que parece torná-lo mais difícil de identificar em apenas uma definição. Partindo da perspectiva dos meios de comunicação de massa, a imagem estaria envolvida num processo de representação e seria um segundo objeto de uma imagem inicial que ela mesma representaria. As nossas considerações sobre o conceito de imagem buscam apreender uma possibilidade de definição, considerando que a imagem contemporânea engloba, entre outras, a imagem midiática, e que esta envolve a televisão, cinema, corpo, pintura, imagens digitais, entre outras tantas possibilidades. Nas palavras de Norval Baitello Jr. "não [são] apenas imagens visuais. São também imagens acústicas e conceituais porque imagem é a palavra grega que gera imaginação. Podemos, então, considerar que existe uma imagem visual, acústica e também a projeção." (disponível no site do CISC em http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/bombardeio.pdf acessado em 24/08/2008).

2006, p.34). É interessante notar o fato da imagem pós-moderna, diferente da imagem encontrada em outras eras[41], parece não trazer consigo nenhum significado, a não ser ela mesma.

> Ver permanece superficial. A profundidade do mundo não é para o olho. E quando o olhar penetra, apenas aumentam novamente as superfícies e superficialidades. A era óptica já o provou ex negatio. Seu lema 'Tornar visível todo o invisível' era duplamente enganoso. Não se acercou do invisível e produziu uma nova invisibilidade." (Kamper In Baitello, s/d. p. 5).

Palavra vs. imagem

A muito sabe que as imagens visuais provocam diferentes impactos em diferentes pessoas (KOSSOY, 2002, p. 46). Tais impactos acabam por contribuir nas modificações no funcionamento do sistema social, incluindo a estrutura litúrgica da religião. Na atual sociedade se percebe uma rejeição das palavras e uma substituição destas por imagens (visuais). O que por sua vez, parece ser a conseqüência natural, se incluirmos as invenções recentes, do cinema, da TV e o constante aperfeiçoamento das tecnologias da imprensa (KLEIN, 2006, p. 21; Cf. ADAUTO, 2004, p. 11).

A imagem "já não ilustra a palavra; é a palavra que estruturalmente, é parasita da imagem", a palavra não mais "vem subliminar, patetear ou racionalizar a imagem". Nas palavras de Barthes, o preço pago por tal feito é o fato de a palavra hoje não passar "de uma espécie de vibração segunda, quase inconseqüente" da imagem (BARTHES, 2000, 333). A conseqüência direta que os Cristãos podem sentir de tais modificações é que a antiga premissa cristão-protestante, onde a palavra é colocada como fonte de maior ensinamento deixa de ter importância. Logrando para escanteio os fundamentos da verdade absoluta da revelação de Deus.

A ironia e tais modificações visualizadas no Protestantismo é maior quando se compara a tradicional celebração do culto sempre centrado no campo auditivo, onde o "espaço dedicado ao pregar a palavra cantar hinos e fazer orações, intensificando" sempre foram mais importantes do que a imagem do pré-leitor de cada ato (KLEIN, 2006, p.21). No final parece que a sobrevivência da palavra, na moderna sociedade da imagem, só será possível através da união com a imagem. Barthes recorda que:

> temos mais a fazer do que recensear diretamente os conteúdos ideológicos de nosso tempo, pois tentando reconstruir em sua estrutura específica o código de conotação de

[41] Klein (2006) faz uma interessante abordagem sobre o desenvolvimento da imagem (principalmente relacionando-a ao âmbito religioso).

> uma comunicação tão larga como a fotografia imprensa, podemos esperar reencontrar, em sua finura mesma, as formas de que nossa sociedade usa para se serenar, e por aí apreender a medida, os desvios e a função profunda desse esforço (BARTHES, 2000, 338).

Ao fazer tal uso, a palavra provavelmente não terá seu antigo valor de volta, mas ao menos poderá passar a mensagem pretendida. A imagem pós-moderna não está à procura de denotações certeiras, mas sim "buscando ampliar ao máximo as suas possibilidades conotativas, procurando avidamente a participação ativa do espectador, nesse jogo de interpretações, já que não há verdades únicas, permanentes, universais, a serem propagadas e encontradas" (CAUDURO, 2002, p.2).

Ser visto se resume a parecer ser. "A coerção para transformar pessoas complexas, corpos vivos em imagens torna-se cada dia mais forte." Tais corpos "devem integrar uma nova lógica de produção", onde "passam a participar sem resistência desta nova ordem social. Dentro desta mesma lógica cresce assustadoramente o espaço para a comunicação à distância, com as máquinas de imagens, com as imagens sintéticas, os seres digitais, as simulações e os simuladores. (BAITELLO, 2005a, p. 20-1).

A pergunta que no final se acha para ser respondida não é como modificar tal situação, dado que parece não ter como reverter tais atos sociais. Seria mais sensato perguntar como "reter o interesse de leitores e telespectadores diante dos sinais de esgotamento com o bombardeio diário de mensagens de todo tipo?"

> Um paliativo tem sido reduzir a duração dos spots televisivos para menos de 20 segundos. O anúncio tradicional já não consegue fisgar um espectador disperso e zonzo entre tantas pressões externas para provar, preferir e adquirir. (...) O 'marketing oculto' faz malabarismo para tentar contornar a fadiga, desenvolvendo técnicas de comunicação que apresentam o produto de maneira inusitada, a fim de evitar que o público-alvo perceba tratar-se de uma abordagem mercadológica convencional" (MORAES, 2006, p. 42).

O fato preocupante é que tal problemática já tomou posse do campo religioso, não apenas em busca de uma resposta, mas de forma pragmática para atender, da melhor forma, "a nova geração-consumidora da religião".

Início da religião-mídia

O que acontece com a imagem religiosa a partir do momento em que se torna uma imagem da mídia? Enquanto as igrejas históricas – catolicismo e protestantismo – usavam os meios de comunicação de massa como instrumento de sua mensagem, como

transportadores de seus conteúdos, as novas religiões nascem fundidas, geneticamente produzidas pela mídia, particularmente a televisão (BERGER, 2007, p. 31).

A preocupação é compreender as transformações da imagem em uma perspectiva de apropriação pelos meios de comunicação – a imagem é ressignificada, mas também retrabalhada e, em certos momentos, passa por uma inversão de sentidos.

> A postura iconoclasta que marca substancialmente o protestantismo histórico, sucede ironicamente um processo de recriação e devoção a imagem, agora encarnadas na figura do líder religioso, que chega a dar autógrafos nas ruas. (...) Tradicionalmente, o sagrado tornava-se visível nos ícones religiosos parecem reivindicar para si o culto anteriormente dedicado às imagens" (KLEIN, 2006, p.21).

As igrejas históricas usavam os meios de comunicação para chamar os fiéis aos ofícios religiosos nunca para substituí-lo. Aos poucos passam a aceitar que o templo também pode se transferir para o cenário da TV. (BERGER, 2007, p. 29).

É sábio lembrar que tais modificações não estão concluídas, sendo facilmente encontrados movimentos híbridos dentro do sistema. O preocupante, talvez, seja a dimensão que tal fenômeno tem adquirido. KLEIN (2006) nos lembra que não se trata mais de uma relação esporádica, na qual seitas e igrejas alugavam espaço em emissoras tradicionais para transmitir programas religiosos.

A escatologia religiosa tradicional projetava um futuro onde haveria a redenção dos fiéis. Tal escatologia parece ser cada vez mais rejeitada pela religião da mídia. "Em sintonia, mídia e religião compartilham o contexto espetacular, no qual vivem, se movem e existem" (RAMOS, 2007, p. 189).

O que vemos agora é um rearranjo no campo religioso que inclui, especificamente, uma alteração substancial na forma de trabalho das instituições religiosas e também da mídia. Havendo uma hibridação entre as linguagens midiáticas e religiosas, nunca vista antes.

Percebe-se que mesmo após quatro décadas de programas religiosos na mídia brasileira, ainda existem discrepâncias nas formas de trabalhar as imagens da religião nos espaços da mídia. Muniz SODRÉ escrevendo sobre a midiatização da sociedade lembra que "chamar a atenção, atrair e manter sobre si mesmo o olhar do outro, converte-se em valor moral", tudo em conseqüência de uma mídia que se torna

> uma espécie de suporte da consciência prática na medida em que os fluxos informativos fazem interface, reorganizam ou mesmo inventam rotinas inscritas no espaço-tempo existência. A própria recepção ou consumo dos produtos midiáticos podem ser vistos

> como uma atividade cotidiana. E tudo com um conteúdo moral próprio. (SODRÉ, 2006, p. 29).

A religião torna-se motivo de escolha, marca de uma sociedade pós-moderna, que ao ser fragmentada e individualizada abre espaço para a dúvida e assim para a concorrência. Toda a religiosidade tradicional deixa de ser um fato para se tornar mais uma dentre tantas crenças.

E a mídia encontra papel importante nesse contexto de marginalização onde pode se vislumbrar uma análise homogênea da linguagem midiático-religiosa. Klein mostra que "o show evangélico sustenta-se a partir da conjunção de três elementos: a horizontalização do espaço, o distanciamento entre palco e platéia e a iluminação projetada sobre o líder religioso" (KLEIN, 2006, p. 226).

A comparação entre as afirmações de Sodré e Klein leva ao questionamento sobre a validade das imagens religiosas intermediadas pela tela. Parece óbvio inferir que o fiel, ao se postar diante da tela para ver e ouvir a mensagem religiosa, está realizando uma ação social.[42] A dificuldade é entender em qual momento os programas midiático-religiosos, por diversas razões, acabam por se render à lógica do entretenimento, funcionando mais como um "show ou apresentação midiática" do que propriamente um culto (BERGER, 2007, p. 30).

As bases para a moderna indústria do entretenimento estão na prática, comum a muitos segmentos religiosos, de depor o racional e entronizar o sensacional. A pregação cristã quando transportada para o vídeo acaba por gerar um deslocamento "do campo do verbal-oral para o imagético-visual." Fato este que irá gerar uma nova forma de se visualizar o culto. "A imagem e o estilo tornam-se mais importantes do que o conteúdo", sendo que o espetáculo privilegia "o sentido da visão" se colocando de forma incisiva "na contramão do diálogo", embora ali ainda possa ser encontrada, em partes, a antiga narrativa bíblica.

> Uma vez que a homilética espetacular focaliza-se sobre o significante, a homilética tradicional mantém seu foco no significado, os telepregadores tendem a se ocupar menos com a verdade do que com o que parece ser a verdade; por essa razão trocam os princípios hermenêuticos, que orientariam a ressignificação e a presença da mensagem evangélica no presente. A profundidade da fé passa a ser medida senão pela qualidade teológica dos seus postulados, mas pela intensidade dos sentimentos do indivíduo que se abandona no fervor religioso (RAMOS, 2007, p. 189).

---

[42] Cf. Bourdieu, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas** (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 79-98.

Conclusão parcial

"A televisão, seja como meio ou como fonte de inspiração estética, tornou-se reduto do pendor humano pela adoração de imagens." As antigas estátuas e pinturas religiosas parecem ter sobrevida através do "horizonte midiático de nossa realidade" embora neste contexto esteja "deslocadas, revestidas por um novo espetáculo." Muitos encontros cúlticos têm se parecido mais com shows de auditório televisivos do que com cultos protestantes.

É preciso pensar em quais fatores as produções midiáticas adventistas estão diferindo de outras produções evangélicas. Fugindo desta "moderna iconofagia" a qual muitas vezes se anuncia "como o único horizonte possível de sobrevivência do sagrado". (KLEIN, 2006, p. 227). Ao analisar a melhor forma de se contextualizar o evangelho na idade mídia, tema do próximo capítulo, o caminho que se segue parece ser o de cada vez mais migrar para as formas midiáticas (ou televisivas) de se comunicar.

> Pesquisas recentes tentam demonstrar que a nossa compreensão de textos e imagens é sempre narrativa: quando lemos ou olhamos, construímos histórias - inserimos os elementos que vemos ou lemos numa estrutura narrativa que nos ajuda a produzir sentido sobre eles; e que esta compreensão narrativa não é um dado natural, mas uma necessidade cultural: a narrativa não está lá em nossa mente; ela surge porque nos dá uma série de vantagens culturais - nos ajuda a memorizar o que vemos ou lemos, e em um nível mais metafísico nos ajuda a dar coesão as nossas vidas (ARAUJO e PAULA, 2008, p. 3). [43]

A preocupação que se levanta, no entanto, é de ao se utilizar o poder da mídia para pregação do evangelho, não venha a submetê-lo de forma que a essência da pregação adventista chegue a se perder. No próximo capítulo serão analisadas algumas produções adventistas e por fim propostos caminhos para evitar o que Klein chama tele-visão do culto, o que representa a devoração da mídia e do culto, um pelo outro (2006, p. 213).

---

[43] Cf. também BAITELLO, Norval. **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005; MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1974; BAITELLO, Norval, (Org.) **Os Meios da Incomunicação**. São Paulo: Annablume e CISC, 2005.

4. Análise Crítica dos Estudos Bíblicos Midiáticos

Uma das promessas básicas da contemporaneidade é, nas palavras de MORAES (2006), o fato de que "querem nos convencer que perdemos em durabilidade embora ganhamos em intensidade", a vida passa a ser medida através das "necessidade e satisfação, removendo-se aquilo que retarde o ímpeto de consumir ou protele a extinção dos impulsos", sendo que a experiência deve se adequar "'ao máximo impacto e à imediata obsolescência', limpando o terreno rapidamente para novas e apaixonantes aventuras" (p. 36).

De modo geral deve-se creditar aos programas religiosos-midiaticos pontos positivos, como a expansão de "formação e informação sobre as igrejas" como também a criação de "um senso de comunidade ou comunhão entre seus telespectadores" (FONSECA, 2003, 276). As oportunidades e desafios que estas produções enfrentam conduzem a análise do quanto estas produções conseguem se adaptar e falar a atual geração midiaticamente, sem perder a essência da pregação adventista tradicional?

Análise estrutural dos estudos bíblicos televisivos adventistas

Das produções analisadas sistematiza-se a seguintes características 1) O estilo doutrinário-sistemático, o qual tem em mente a intenção de pregar um sistema doutrinário completo, 2) a pregação de uma mensagem em formato de estudo bíblico (se assemelhando completamente a tradicional forma de se ensinar a Bíblia usada pelos adventistas), onde se explana uma lição sobre como a Bíblia trata um determinado tema[44]. 3) O uso da lógica e racionalidade são priorizados de maneira significante.

Na tabela[45] abaixo se conciliou a ênfase trabalhada em cada estudo bíblico analisado com os pensamentos do modernismo e pós-modernismo. Tal comparação busca descobrir qual a linguagem adotada nestas produções (nos pontos analisados existem um ***M***, para quando o modelo se destina a geração passada (ou Moderna) e ***P*** para a atual geração pós-moderna).

---

[44] Dento destes temas muitas das posições da IASD têm um distanciamento interpretativo de diversos grupos evangélicos.

[45] Tabela adaptada (parte dos pensamentos moderno e pós-moderno) de RAHDE, Maria Beatriz. CAUDURU, Flávio. "Imagens e Imaginários: do moderno ao pós-moderno" in <http://www.compos.org.br/files/30ecompos09_Rahde_Cauduro.pdf> acessado em 15 de junho de 2008.

Visão Moderna	Visão Pós-moderna	?	O Grande Conflito	?	Princípios	?	Ouvindo a Voz de Deus
Paixão pelo novo; acredita no progresso, na qualidade superior do novo sobre o tradicional.	Valoriza o ecletismo, combina diversos estilos numa mesma estrutura; bricolagem e hibridação de múltiplas diferenças, antigas ou novas.	**M >**	Combina cenas em ambientes diferentes, mas é estático e sem grandes inovações no estilo.	**P >**	Grande variação de cenários, forma e gêneros na abordagem (músicas, imagens e ilustrações).	**P >**	Apenas um cenário. Forte dinamismo devido ao formato de bate-papo descontraído.
Singularizador através das suas descobertas.	Relativizador através das suas colagens.	**M >**	Coloca supremacia no texto como forma de conversão.	**M >**	Sustenta através de filosofias e provas científicas os argumentos apresentados.	**P >**	Mostra que apesar de existir duvida, o interlocutor escolheu aquele caminho por ser o melhor entre tantos.
Elitista, científico, sistêmico, unitário, dogmático, universal.	Populista, vernacular, eclético, pluralista, relativista, local.						
Separação rígida entre eu e o outro.	Continuação do eu no outro.	O pensamento pós-moderno vê no interlocutor apenas um possível exemplo do que ele mesmo é. Não se preocupa muito com o conteúdo discutido dando mais ênfase no sentimento compartilhado. Pensa das seguintes formas: "Eu sinto-me assim". "Quero me sentir deste modo". "Quero ter a fé desse apresentador". "Essa história é parecida com minha vida".					
Procura a universalidade. (oposicional)	Procura a multi-dimensionalidade. (combinatório)	**M >**	Não leva em consideração a singularidade de crenças e credos, tenta passar-se como tendo a verdade absoluta.	**P >**	Tenta buscar a universalidade de suas crenças dentro da ciência. Analisa a Bíblia como uma das formas de se interpretar a ciência e a vida.	**P >**	Tenta mostrar através de histórias pessoais e da Bíblia o porquê de acreditar.
Acredita nas aparentes verdades das metanarrativas.	Acredita no prazer do jogo e das simulações.	**M >**	Por terem a crença comum em uma história linear e na verdade absoluta da revelação de Deus, através da Bíblia, tais programas tendem a se mostrar pouco aberto ao evangelismo pós-moderno neste ponto. Todos se utilizam do método cartesiano de pergunta e resposta o qual se distancia da realidade pós-moderna do método da história.				
Acredita na história como progressão linear de eventos, na objetividade e progresso do mundo real.	Suspeita que só existam histórias-narrativas e equivalentes visões culturais de mundo.						
Imagem como descoberta de grandes verdades.	Imagem como entretenimento, diversão.	**M >**	O pós-moderno tende a ter na televisão, e na imagem em geral, uma busca maior pelo entretenimento, o qual condiciona a ser um eterno consumidor de imagens. Tal pensamento prejudica a relação dos estudos bíblicos analisados e a natureza com que o pós-moderno irá encarar tais produções.				
Rejeita história, narrativas, simbolismos, símiles.	Cultiva alegorias, alusões, paródias, pastiches.						
Apolíneo, sacrificial, o ideal futuro.	Dionísico, prazeroso, o presente possível.	**M >**	Pouca contextualização nas necessidades presentes dos telespectadores.			**P >**	Contextualização crescente e ênfase na relação de tal crença com a vida pessoal.
Projetos de descoberta e invenção.	Processos de construção e simulação.	**M >**	Como salientado o pensamento pós-moderno se dedica a aplicar tais fatores à vida diária. Tais fatores são melhores visualizados através de simulações do que no formato de descobertas empíricas. Todos os estudos se preocupam nesta contextualização, embora caiam mais para uma forma modernista de enxergar a vida.				
Acredita em totalizações da realidade (global).	Aceita só contextualizações (local, regional).						

Os pontos predominantes na análise acima demonstram que tais produções se dirigem a uma mentalidade modernista, o que por si não os tornam inválidos para a atualidade (quando se pensa no sistema de crenças racionais que este tende a enfatizar). Até mesmo porque dentro do pensamento pós-moderno é aberta uma leva de diferentes tipos de abordagens para grupos diferentes, sendo assim é possível um pós-moderno ser convertido por uma abordagem moderna. O pensamento que deve ser predominante aqui é qual a melhor forma de se comunicar a atual geração, por se tratar de um meio de comunicação em massa, este deve ser comunicado a massa e não apenas a grupos isolados (sendo que considera tal grupo com pensamento moderno uma exceção).

A problemática que surge deste ponto é se a massa composta pela atual geração possui um ponto de contato, onde é possível encontrar uma contextualização da antiga forma de ensino adventista coerente com a forma do grupo pós-moderno entender o mundo? Em outras palavras, as abordagens midiáticas adventistas têm obtido sucesso em distanciar-se da relação consumo-entretenimento da religião atual, utilizando-se dos modernos meios de comunicação, e ao mesmo tempo conseguindo contextualizar a crença tradicional?

Problemas para a contextualização pós-moderna

Antes de se analisar a contextualização dos estudos bíblicos para a mente pós-moderna é preciso fazer um adentro referente a alguns problemas concernentes a adaptação da religião a mídia. Ao pensar as palavras de MORAES (2006) as quais lembram que na experiência midiática "a experiência tende a ser sua capacidade de produzir entusiasmo, não a profundidades de suas impressões" (p. 36), o caminho atual é preocupante. Segundo afirma FONSECA (2003), em uma análise de programas religioso-midiático, "haja vista que para haver pequenas mudanças comportamentais, é preciso à vivência de situações práticas de reforço que permitam colocar em ação a nova crença." (p. 274).

Enquanto o mundo corporativo enfrenta a saturação da imagem pensando em "como reter o interesse de leitores e telespectadores" oferecendo soluções como "reduzir a duração dos spots televisivos para menos de 20 segundos". (MORAES, 2006, p. 42), a igreja tem por obrigação pensar também em como não ser apenas um produto, entre tantos, a ser escolhido por uma audiência consumista.

Parece inocência acreditar que a religião, a conversão e a manutenção dos fiéis, se darão de modo saudável apenas através da mídia televisiva, o que incorreria na segunda dificuldade a ser apresentada, a ausência de contato pessoal e de uma história real dando suporte e uma narrativa linear a crença religiosa. Quanto a questão da não-presença Klein (2006) afirma que:

> Não se trata de simplesmente ouvir e ver um culto através a TV, mas de criar pontes mais concretas entre a experiência religiosa da imagem na mídia e a experiência concreta do culto enquanto imagem. (p. 125). O espaço e o tempo religiosos convergem na tela. Missas e cultos, lugar de manifestação do sagrado, tornam-se uma simulação. Não são simples representações, mas simulacros que fingem ser o que não são. O que dizer de uma de uma celebração religiosa cujo espaço é uma tela, e cujo tempo, muitas vezes, nem é o real já que muitos programas são gravados? Entretanto, padres e pastores eletrônicos esforçam em convencer o telespectador de uma real participação, pedindo a este para baixar sua cabeça e orar "naquele instante", (...) com objetivo de receber alguma benção. Os cultos eletrônicos requerem o status do real e tentam dissuadir o telespectador de suas estratégias de simulação. É como se o vídeo taipe fosse o tempo vivido concretamente, a tele-presença uma presença efetiva e o telespectador um fiel participativo. (p. 131; Cf. BAITELLO, 2005a/b, p. 32).

Em todas as produções analisadas existem, em diferentes graus, o problema da não-presença. Seja na forma de oração realizada pelo Pr. Fernando Iglesias no começo e no fim do Está Escrito ou na forma com que todos os pastores analisados fazem o apelo no final de cada programa. Tais momentos parecem sugerir a presença real do pregador junto à sala do telespectador, fazendo parecer que existe um elo natural entre o pregador e o telespectador.

Malena CONTRERA (2005) analisa que a perda da presença acaba por sugerir com que o ritual religioso passa a ser apenas espetáculo. "Pode-se participar da criação do mundo por meio do ritual, por meio do espetáculo, só é possível consumir um mundo que alguém está vendendo" (p.121). Traço este que prejudica a real conversão por parte do telespectador, o qual não consegue se tornar um adorador e é conduzido ao espírito consumido (mesmo quando presente a um templo real).

Um telespectador assíduo pode facilmente, ao decidir freqüentar uma igreja, levar a forma de adoração midiática para o templo físico. Este novo adorador poderá ter dificuldade em se aproximar do pregador real e tenderá a vê-lo como um ser midiático colocando-o em uma forma horizontal (semelhante à TV) de receber a mensagem. (Cf. KLEIN, 2006, 139). Tal fator acaba estar intimamente ligado ao esfriamento da

importância da escola sabatina[46] por parte dos membros adventistas, onde não existe um ser midiático como ponto de contato (dado este que leva a muitas pessoas a preferirem uma escola sabatina geral, onde esta pode ser apenas um telespectador passivo, tal como aprendido através dos meios de comunicação de massa).

Outra implicação da transformação da religião em um produto midiático é o caminho inverso, também passível de ocorrer, onde a TV sofre o processo de sacralização. (Cf. KLEIN, 2006, 222; CONTRERA, 2006, p. 108). "A televisão e o jornal proferem palavras mágicas, das quais o cidadão comum não ousa duvidar, e as peças publicitárias apresentam os novos objetos mágicos da estação" (CONTRERA, 2005, p. 121).

A religião acaba por perder o antigo status o qual lhe conferia um sistema absolutista de crença, seja em detrimento ao pós-modernismo com a negação da verdade ou mesmo pelo entretenimentalização da religião. Sendo assim o pastor do outro lado da tela, ao reivindicar para um livro autoridade máxima acaba por ser estranho ao olho deste novo publico, o qual está acostumado a crer apenas no que vê diretamente através dos olhos da televisão. A religião-mídiatica tem em seus pastores e pregadores a verdade absoluta, e não em um livro, tal feito vem à semelhança de outros problemas apresentados no segundo capítulo como a crise da verdade jornalística[47].

Tais dificuldades acabam por tipificar, as produções televisivas religiosas, ao status apenas de pré ou pós-evangelismo. Não devendo servir como forma de substituição ao evangelismo pessoal. O que infelizmente não é utilizado pelas produções analisadas, as quais clamam para si toda a função de evangelismo, o que deve ser evitado, principalmente quando se pensa a não-presença do culto. Ao se aliar tais produções a pequenos grupos de estudos (Cf. TIMM, 2000, p. 23) e a métodos que enfatize os dons espirituais (Cf. SCHWARZ, 2003, p. 27) as palavras de FONSECA (2003) serão úteis para aplicação. "A programação religiosa tem capacidade de aproximar e naturalizar os telespectadores, preparar o 'meio de campo' para a efetiva participação religiosa, a qual será sim, mediada por pessoas de carne e osso" (p. 276).

---

[46] Escola Sabatina é como se chama a pratica dos adventistas de se dividirem em classes de recapitulação de uma lição estudada por todos durante a semana. Tal divisão ocorre geralmente aos sábados antes da pregação. Esta pratica se assemelha com a escola dominical.

[47] Sobre este assunto ver ARBEX JR, José. **Showrnalismo:** A notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2003; CANCLINI, Nestor**. Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005; GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania**: Tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

Princípios para a pregação na idade pós-moderna

Há consenso na literatura de que audiência dos programas religiosos é composta na sua grande maioria por fiéis das religiões que os produzem. “Pesquisas apontam para a baixa proporção de não-evangélicos na audiência dos programas”, sendo que a conversão pela mídia seja na verdade melhor definida por um “transito interno às igrejas evangélicas” do que propriamente a vinda de pessoas de “outras religiões ou de não-religiosos”. Sendo assim, é sábio pensar que a mídia não representa efeito primordial no alcance de novos membros, parecendo possuir uma importância mais confirmatória e menos decisória. (FONSECA, 2003, p. 275; Cf. SCHWARZ, 2003, p. 25-6).

O fato da mensagem religiosa na televisão influenciar apenas os telespectadores já então suscetíveis a religiosidade, não deve ser usado como empecilho para a sua utilização. O que deve sim ocorrer é o pensamento de se modificar os formatos e a abordagem objetivando ser de mais relevante para a atual geração midiática (ou pós-moderna). Uma análise rápida dos estudos bíblicos midiáticos em questão fornece a impressão da não existência de uma adaptação de formas, os antigos estudos bíblicos adventistas, como visto no Capítulo 1, sempre optaram mais por uma abordagem racional, o que por sua vez também é percebido de maneira predominante em tais obras televisivas.

Quanto à forma de maneira alguma se sugere uma modificação no conteúdo abordado sendo que, como já enfatizado no primeiro capítulo, o sentido de existência para a IASD se deve de forma exponencial a tal conteúdo bíblico/profético. O que se entende ser uma importante modificação é a contextualização a forma de abordagem do antigo conteúdo. Parece certo que os ouvintes pós-modernos respondem melhor a histórias. As quais poderiam ser consideradas como forma de complementação ao antigo estilo adventista (modernista) de perguntas e respostas.

“Um pós-modernista assumido acredita que praticamente tudo – até um argumento – é uma narrativa ‘construída’, ou seja, uma obra de ficção.” (VEITH, 2005, p. 173; Cf. VANHOOZER, 2005). Mesmo aquelas pessoas que não são pós-modernos assumidos/conscientes, o sendo, na verdade, por causa da cultura, são afetados de igual maneira pelas histórias.

Uma olhadela na produção da cultura de massa é fácil perceber narrativas de luxúria e hedonismo predominando no cinema e na televisão, e ao que parece, atraindo

a atual cultura em uma nova forma de percepção do mundo. E por mais que mascarem que é possível na vida real, tais histórias não passa de histórias (VEITH, 2005, p. 177).

> Nós, humanos, somos singularmente criaturas contadoras de histórias. Contamos essas histórias na forma de romance, dramas, contos populares e História. As histórias que constituem a mitologia religiosa nos conectam com as origens e, nisto, como a compreensão interpretava ou sentidos últimos e inclusivos. Pode ser que o fundamento e a condição para esse fenômeno humano residam no fato de que cada um de nós, em nossas vidas cotidianas, esteja envolvido em uma história. Experiencialmente, o que eu sou, meu caráter e identidade, estão vinculados a uma história única – os eventos de meu passado particular, minha situação atual e as metas significativas que espero alcançar no futuro. Quando refletimos sobre nossa experiência, nós a achamos narrativamente estruturada com começo, meio e possíveis fins, ações e eventos unidos num enredo que podemos, em certo grau, articular. (...) Histórias dão sentido conectivos a eventos que de outro modo seriam isolados e em si desprovidos de significados. Cada um de nos é uma história em desdobramento, uma trama significativa que reúne a sucessão de nossas ações num todo dotado de sentido. (BROCKELMAN, 1999, p. 168).

Em todos os estudos analisados tem se uma preocupação maior como sistema de crença a ser ensinado do que com contar uma história que una todo este sistema. Mesmo nos momentos em que os pastores Fernando Iglesias (Princípios) e Alejandro Bullón (Ouvindo a Voz de Deus) gastam contando histórias ilustrativas, as quais acabam por não servir como unificadoras das crenças (ou da seqüência dos estudos). Servindo mais como tentativa de se aplicar aquilo que está se falando na vida pratica do telespectador.

Uma forma de resposta do cristianismo é a recuperação da maior história de todos os tempos – a criação do mundo, o grande conflito, a encarnação, expiação, ressurreição de Cristo e a vida dos remidos – a qual ninguém consegue entender plenamente pela razão humana o que a coloca em uma categoria completamente diferente da do modernismo com sua razão e da do pós-modernismo com a sua anti-razão. (VEITH, 2005 p. 173).

A maior narrativa, a qual torna possível todas às demais histórias, é a Bíblia[48]. O enredo da Bíblia tem o começo fundamental (a criação do universo), o conflito (entre Cristo e Satanás), o momento crucial (a morte na Cruz) e o final perfeito (a volta de

[48] Cf. MAGALHÃES, Glauco. **O Imaginário em As Crônicas de Nárnia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2005; Para exemplos de livros que conseguem contextualizar a mensagem cristã a mentalidade pós-moderna ver: MILLER, Donald. **Como os Pingüins me Ajudaram a Entender Deus**: Pensamentos pós-modernos sobre espiritualidade. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007; ELDREDGE, John. **O Evangelho Segundo Deus**: A história que Deus sempre quis contar para você. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2007; ZACHARIAS, Ravi K. **Por que Jesus é Diferente**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003; D'SOUZA, Dinesh. **A Verdade Sobre o Cristianismo**: Porque a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Cristo). Ela incorpora tragédia (a tragédia da queda do pecado, as realidades do sofrimento, o juízo e a cruz), mas também a comédia (o final feliz da ressurreição e da segunda vinda de nosso Senhor). (VEITH, 2005, p. 174; Cf. PAULIEN, 1993).

Dificilmente o ser humano teria imaginado ou construído por si mesmo verdades tão fantásticas. As boas novas de salvação por meio de Jesus Cristo é o tema central da Bíblia, uma mensagem que não só destina à evangelização dos não-cristãos, mas à constante formação de cristãos que levam esse Livro a sério. (VEITH, 2005, p. 178).

BROCKELMAN complementa o pensamento dizendo que para se influenciar uma pessoa a "ações e eventos passados e presentes" assim como os "interesses fundamentais" desta pessoa precisam ser conhecidos. Em resumo é preciso ouvir/conhecer a história da vida desta pessoa.

A atual geração necessita ver o que Cristo fez, em nível pessoal a alguém, e com Ele pode dar o verdadeiro sentido à vida, após isso tal geração será capaz de se abrir a conversão. (VEITH, 2005, p. 174). E tal conversa em muito só pode ser realizado através de um contato pessoal e demorado. Tal contato não pode ser consumado através da televisão, nem mesmo através de uma série de estudos bíblicos presencias, mas sim de um companheirismo integrador entre o novo estudante da Bíblia e uma comunidade interpretativa (i.e a igreja – Cf. VEITH, 2005, p. 189).

Embora ainda fique uma questão a ser esclarecida: Qual deve ser a fonte principal da história pessoal a ser contada? A Bíblia deve ser tal fonte autorizada de informação; a revelação singular que Deus fez de si mesmo a nós. Enquanto o pensamento pós-moderno caminha para o aqui e o agora, "Paulo mostra que o nosso ponto de partida deve ser o princípio de que Deus fez todas as coisas superlativamente boas" (Cf. Atos 17:24) embora o pecado desfigurou tal criação, Deus está "comprometido com sua restauração".

> A humanidade desorientada deve recuperar a verdade indispensável de sua origem das mãos de um amorável Deus criador. Somente quando vista a partir desta perspectiva pode a salvação por Cristo aparecer e sua verdadeira majestade. Para alcançar estes objetivos é necessária a mais firme adesão ao princípio de sola scriptura. (CAESAR, 2007, p 282).

Conclusão parcial

A mais importante advertência que pode ser retirada deste estudo é o fato das produções midiáticas não terem em si a auto-suficiência para suprir o evangelismo

pessoal. O problema deste pensamento é que a conversão do telespectador não se dá a uma crença e sim a um produto. Tal telespectador não consegue se tornar um adorador, acabando por se conduzir ao espírito consumista mesmo quando começar a freqüentar um templo real. O que também têm a capacidade de conduzi-lo a uma forma de adoração midiática aprendida através do tele-evangelismo.

Após tais conseqüências serem pensadas em métodos que evitem tais problemas iniciais, o segundo ponto de preocupação é quanto à contextualização das obras midiáticas a mente predominante na cultura de massa atual, a pós-moderna. Deve-se unir a mensagem cristã tradicional objetivando uma maior relevância na vida dos futuros candidatos ao cristianismo (modificar a forma e não o conteúdo).

Muitos podem ser tentados a pensar que a história do evangelho, anunciada pela Cristianismo, é por antiga demais para as mentes pós-modernas se importarem ou mesmo se interessarem. O estudioso da mídia Hans Belting afirma que

> a imagem e a mídia não permitem o mesmo tipo de narrativa ao descrever sua história. Uma história em sentido literal aplica-se somente à tecnologia visual; já as imagens resistem a qualquer história linear, pois elas não estão sujeitas a um progresso no mesmo grau. As imagens podem ser antigas mesmo quando ressurgem nas novas mídias. Também sabemos que elas envelhecem de formas diferentes das observadas no envelhecimento da mídia. Espera-se, geralmente, que as mídias sejam novas, enquanto as imagens mantêm sua vida, mesmo velhas, quando retornam entre as novas mídias. (apud BAITELLO, 2006, p.1).

Tais palavras servem para desmitificar a crença da falta de interesse na mensagem Cristã. Ao este autor afirmar que a história contada pela imagem midiática tende a demorar mais tempo para envelhecer, com isso tem-se que o importante não é tanto o meio com o qual se pretende falar, mas sim a mensagem com que se fala.

Sendo então possível fazer a analogia de atualidade da mensagem, necessitando apenas uma nova forma de contextualização. Ao se contextualizar a mensagem Cristã nos diversos meios de comunicação a igreja deve sim parar e pensar quais conseqüências tais atos vão trazer tanto para a mensagem como para o telespectador. Um ato impensado pode acabar por não gerar efeito perante o publico pretendido ou mesmo conseqüências piores, como a entretenimentalização da religião (a qual acaba por afetar até mesmo a lógica dos cultos presenciais).

Conclusão Geral

Há consenso na literatura de que audiência dos programas religiosos é composta na sua grande maioria por fiéis das religiões que os produzem. “Pesquisas apontam para a baixa proporção de não-evangélicos na audiência dos programas”, sendo que a conversão pela mídia seja na verdade melhor definida por um “trânsito interno às igrejas evangélicas” do que propriamente a vinda de pessoas de “outras religiões ou de não-religiosos”. Sendo assim, é sábio pensar que a mídia não representa efeito primordial no alcance de novos membros, parecendo possuir uma importância mais confirmatória e menos decisória. (FONSECA, 2003, p. 275).

“A televisão, seja como meio ou como fonte de inspiração estética, tornou-se reduto do pendor humano pela adoração de imagens.” As antigas estátuas e pinturas religiosas parecem ter sobrevida através do “horizonte midiático de nossa realidade” embora neste contexto esteja “deslocadas, revestidas por um novo espetáculo.” Muitos encontros cúlticos têm se parecido mais com shows de auditório televisivos do que com cultos protestantes. É preciso pensar em quais fatores as produções midiáticas adventistas estão diferindo de outras produções evangélicas. Fugindo desta “moderna iconofagia” a qual muitas vezes se anuncia “como o único horizonte possível de sobrevivência do sagrado”. (KLEIN, 2006, p. 227).

O conhecimento do próprio papel no Grande Conflito fornece, ao adventista, unidade espiritual, doutrinária, estrutural e principalmente missiológica. “Um estrutura que materializada em uma organização com objetivo, que serve à missão e nela se confirma, até o momento da parousia [volta de Cristo]” (VELOSO, 2004, p. 250). Tal função requer todo o uso possível de meios e formas de comunicação, a missão é grande e urgente, por isso a utilização dos principais meios da indústria cultural, como o rádio, a internet e a TV são apoiadas pela IASD.

“No programa divino de restauração, a função designada à IASD continua sendo reparar a brecha na Lei de Deus e em sua Palavra. É finalizar a obra da reforma da salvação por meio de Deus e por sua Palavra somente” (CAESAR, 2007, p 282).

Ao se pensar como a IASD tem se portado perante as tendências se percebe uma falta de estrutura para se falar a atual geração midiática. Como salientado, é primordial que a igreja busque mudar sua forma de pregação para assim poder mudar vidas (Cf. 1 Coríntios 9:19-23). Embora não se pode cair no erro de imaginar que as pessoas de hoje são incapazes de entender a verdade cristã como prescrita na Bíblia, não sendo por tanto mudanças nos credos básicos que determinaram o motivo de existência do movimento adventista.

Uma análise rápida dos estudos bíblicos midiáticos em questão fornece a impressão da não existência de uma adaptação de formas, os antigos estudos bíblicos adventistas, como visto no Capítulo 1, sempre optaram mais por uma abordagem racional, o que por sua vez também é vista de maneira predominante em tais obras televisivas. Quanto à forma de maneira alguma se sugere uma modificação no conteúdo abordado sendo que, como já enfatizado no primeiro capítulo, o sentido de existência para a IASD se deve de forma exponencial a tal conteúdo bíblico/profético. O que se entende ser uma importante modificação é a contextualização a forma de abordagem do antigo conteúdo.

Parece certo que os ouvintes pós-modernos respondem melhor a histórias. As quais poderiam ser consideradas como forma de complementação ao antigo estilo adventista (modernista) de perguntas e respostas.

Existe sim uma verdade universal, embora não se deva cair no erro de acreditar que existirá um método apenas, o qual levará não-crentes a crer em Cristo. Pode-se afirmar que uma das maiores contradições do pós-modernismo é que ao este exacerbar o individualismo acaba por criar uma massa homogênea ligada pelo entretenimento. Tal massa será conduzida a Cristo apenas quando tratada dentro desta individualidade.

Proclamar a Lei de Deus poder trazer a convicção do pecado; a tarefa da Igreja é proclamar o evangelho da salvação em Jesus Cristo de forma com que a atual cultura a entenda. Acima de tudo a verdade deve ser bem fundamentada, enfatizando a pessoa de Jesus Cristo (João 14:6). Até que se cumpra a promessa feita a tanto tempo, a de que em breve Ele voltará e irá transformar todas as coisas (Apocalipse 21:1-5).

Referências Bibliográficas

ARBEX JR, José. **Showrnalismo:** A notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

ADAUTO, Novaes. "A Imagem e o Espetáculo." In: ADAUTO, Novaes (Org.). **Muito Além do Espetáculo.** São Paulo: Editora Senac, 2004.

ADORNO, Theodor W. **Teoria da Cultura de Massa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** São Paulo: Papirus Editora, 2008.

ARAUJO, Camila; SILAS, PAULA. "Cultura Visual e Imagens do Cotidiano**"** <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0360-1.pdf>. Acesso em: 17 de Outubro de 2008.

AZEVEDO, Roberto. "Voz da Profecia e a Conversão no Estado de São Paulo." Dissertação de Mestrado (Escola de Comunicação e Arte), Universidade de São Paulo, 1977.

BAITELLO. Norval Jr. "O Olho do Furacão: A cultura da imagem e a crise da visibilidade" <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/furacao.pdf>. Acesso em: 24 de Agosto de 2008.

_____. **A Era da Iconofagia:** Ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005a.

_____. **Incomunicação e Imagem.** In: BAITELLO, Norval (org); CONTRERA, Malena (org); MENEZES, José Eugenio (org). **Os Meios da Incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005b.

BAUMAN, Zygmund. **Ética Pós-moderna.** São Paulo: Paulus, 1997.

BARTHES, Roland. "A Mensagem Fotográfica". In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BASSO, Nadia Garcia. "Sagrado Universal na Pós-modernidade: O Sagrado, a Ética e o Simulacro no Discurso Televisivo da Igreja Universal do Reino de Deus". <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st4.html>. Acesso em: 7 de Outubro de 2008.

BERGER, Christa. "Tensão entre os Campos Religioso e Midiático". In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo dos Campos-SP: Universidade Metodista, 2007.

BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”. In LIMA. Luiz Costa, **Teoria da Comunicação de Massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BENKO, Stephen. **Pagan Rome and the Early Christians.** Bloomington: Indiana University Press, 1984.

BORGES, Michelson. **A Chegada do Adventismo ao Brasil**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e Criação**: A importância espiritual da cosmologia contemporânea. São Paulo: Loyola, 1999.

CAESAR. Lael O. “Hermenêutica e Cultura”. In: REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras**: Uma abordagem Adventista. Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2007.

CAUDURO, Flávio**. Imagem e Pós-Modernidade.** Porto Alegre: (MIMEO-PPGCOM, FAMECOS/PUCRS), 2002.

CAUDURO, Flávio; RAHDE, Maria Beatriz. “Imagens e Imaginários: Do moderno ao pós-moderno”. <http://www.compos.org.br/files/30ecompos09_Rahde_Cauduro.pdf . Acesso em: 8 de Outubro de 2008.

CONTRERA, Malena Segura. “Ontem, Hoje e Amanhã: Sobre os rituais midiáticos”. Revista FAMECOS, Porto Alegre: PUCRS, nº 28, p. 115-123. Dezembro 2005. Acessado em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/28/malenacontrera.pdf> em 03/08/2008.

_____, “A Dessacralização do Mundo e a Sacralização da Mídia”: Consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum. In:BAITELLO. Norval Jr (org). GUIMARÃES, Luciano (org). MENEZES, José Eugenio (org). PAIEIRO, Denise (Org). **Os Símbolos Vivem Mais que os Homens:** Ensaios de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006.

COSTA, Valcenir do Vale. “Comunidade Virtual e Comunicação: O site da Igreja Adventista do Sétimo Dia” (Sob Orientação de Jacques Vigneron). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. Acessado em 03/09/2008 de <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=20>.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOLL, Jr. William E. **Currículo:** Uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DRUCKREY, Timothy. “Fronteiras em Mudanças”. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; LEÃO, Lucia (org.). **O Chip e o Calidoscópio:** Reflexões sobre novas mídias. São Paulo: Editora Senac, 2003.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

FAGEN, Richard R. **Política e Comunicação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e Mídia no Brasil.** Bragança Paulista-SP: EDUSF, 2003.

FELINTO, Erick. **A Religião das Máquinas:** Ensaios sobre o imaginário da cibercultura**.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

GUIMARÃES, Luciano. **A Cor como Informação**: A construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. São Paulo-SP: Annablume, 2000.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

KELLNER, Douglas. "Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo". In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

KLEIN, Alberto. **Imagens do Culto, Imagens da Mídia.** Porto Alegre: Sulina, 2006

_____. "O Sagrado em Videoteipe: Deslocamentos televisivos do espaço e do tempo na religião". In: BAITELLO. Norval Jr (org). GUIMARÃES, Luciano (org). MENEZES, José Eugenio (org). PAIEIRO, Denise (Org). **Os Símbolos Vivem Mais que os Homens:** Ensaios de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006.

KNIGHT, George R. **Em busca de Identidade**: O desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____,. **Uma Igreja Mundial**: Breve Histórico dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**: Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

LEWIS, C.S. **Milagres.** São Paulo: Editora Vida, 2006.

LESSA, Rubens. **Casa Publicadora Brasileira**: 100 anos. Tatui-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e Seus Intérpretes**: Uma Breve História da Interpretação. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Mass Media as a Site of Resacralization of Contemporary Cultures". In: Moraes, Hoover, Stewart; Lundy, Knut (org.). **Rethinking Media, Religion and Culture**. Londres: Sage, 1997.

MORAES, Dênis. "A Tirania do Fugaz: Mercantilização Cultural e Saturação Midiática". In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-feita:** Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NOVAES. Allan. "A Crise da Ciência: Pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante" <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.

PAULIEN, Jon. **Present Truth in the Real World**: The Adventist struggle to keep and share faith in a secular society. Idaho-EUA: Pacific Press Publishing Association, 1993.

PEREIRA. Reinaldo Arruda. "A Ciência Moderna, a Crise dos Paradigmas e Sua Relação com a Escola e com o Currículo" <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_PereiraRA_1.pdf>. Acesso em 13 de Abril de 2008.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio:** A rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

RAMOS, Luiz Carlos. "A Práxis Homilética e o Discurso Religioso Contemporâneo". In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina Gobbi; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espétaculo.** São Bernardo do Campo-SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

RODE, Daniel. "Missão à Etnias no 'Ultimo Tempo'". In: TIMM, Alberto; RODOR, Amin; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro:** A visão Adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2004.

OTTO, Rubem R. "Conotações Eclésio-Missiológicas do Máximo Evento Escatológico – O Estabelecimento do Reino de Deus". In: TIMM, Alberto; RODOR, Amin; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro:** A visão Adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente:** Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Um Discurso Sobre a Ciência.** Porto-Portugal: Edições Afrontamento, 1999.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns**: Televisão e pós-pensamento. Bauru-SP: Universidade do Sagrado Coração, 2001.

SATHLER, Luciano. "Religião e Entretenimento, Aproximações Contemporâneas". In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo dos Campos-SP: Universidade Metodista, 2007.

SCHWARZ, Christian A. **Evangelização Básica:** Uma maneira agradável de ensinar as boas novas. Curitiba: Editora Esperança Evangélica, 2003.

SILVA, Paulo Cilas da. **Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**: Breve História e Análise Comparativa de seu Conteúdo (Tese de Doutorado sob Orientação de Alberto Timm). Engenheiro Coelho: Unaspress, 2002.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SODRÉ, Muniz. "Eticidade, Campo Comunicacional e Midiatização". In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

TIMM, Alberto R. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas**: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas Adventistas. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2000.

_____, **Radio-Interactive Bible-Study Evangelism**: A Brazilian case study. Ministry Review, Hagerstown-EUA: Review and Harold Publishing, p. 8-10, December 2000.

TOYNBEE, Arnold J. **Um Estudo de Historia.** Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953. 2 vols. (Condensação dos vols. I a VI e VII a XII).

VANHOOZER, Kevin. **Há Um Significado Neste Texto?** São Paulo: Editora Vida, 2005.

VEITH. Gene Edward, Jr. **Tempos Pós-Modernos:** Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura de nossa época**.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

_____, **A Alma de O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa.** Rio de Janeiro: Editorial Habacuc, 2005.

VELOSO, Mario. "Importância da Escatologia Para a Igreja Contemporânea". In: TIMM, Alberto; RODOR, Amin; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro:** A visão Adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2004.